

14 DE JANEIRO DE 1948

# Stadium

N.º 267

Preço: 2\$50

## A vitória DO BENFICA

Azevedo, no meio  
de M. Marques,  
Veríssimo, Espí-  
rito Santo e Vítor  
Baptista defende.  
Moreira aguarda.  
Uma fase rica de  
movimento, vigor  
e agilidade!



# O salto do BENFICA

A competição torna-se mais emocionante — O molho dos «Três Grandes» deverá contar com o Estoril Praia e Porto — Há rectificações a fazer no futebol português

Crónica de TAVARES DA SILVA

A 9.ª jornada da Primeira Divisão marca uma reviravolta no Campeonato. Elevado ao posto n.º 1 o Benfica, de braço dado com o Belenenses, a quem falta o desafio com o Vitória de Setúbal que hoje se disputa para acerto do calendário, a jornada projecta uma nova luz na Prova. O foco incide agora intensamente sobre a águia lisboeta, em quem se descobrem atractivos que estavam escondidos e resguardados.

Certamente, os actores são os mesmos três — ainda que haja papéis de responsabilidade entregues a outros (Estoril e Porto). Mas a situação transformou-se, se não radical, ao menos sensivelmente. Apesar da manifesta quebra que vinha a ser evidenciada pelos sportingistas, estes e os belenenses, um pouco sem reparar em quem os seguia, disputavam o posto da cabeça. Mas o Benfica, obstinadamente, e revelando progressos, preparava-se para desferir o grande golpe. No domingo — os fados foram-lhe propícios, a tal ponto que, tendo ganho no Estádio Alvalade, veio a beneficiar do resultado do Estoril, benefício de que também colhe alguma coisa o próprio Sporting. Se o Belenenses tem escapado, a sua vantagem seria sensível...

O certo é que o Benfica, subindo a pulso, está lá no alto, continuando os três a sua carreira, no mesmo molho, e não devendo considerar-se qualquer deles fora do título mágico. Nem sequer o Estoril e o Porto, que é cedo ainda para ditar sentenças com trânsito em julgado.

Foram apurados os seguintes resultados:

Sporting ... 1 — Benfica.... 3  
Estoril ..... 5 — Belenenses.. 2  
Atlético .... 6 — Académica... 0  
Guimarães... 0 — Porto ..... 3  
Elvas..... 3 — Sport. Braga 1  
Lusitano ... 2 — Setubal..... 1  
Boavista.... 2 — Oihanense... 0

O Sporting sofreu a segunda derrota. Belenenses e Benfica tem

cada um uma derrota e um empate. Em conjunto, produziu-se futebol de categoria.

O encontro do Lumiar prendeu as atenções gerais, atraindo enorme assistência. Mas ainda ficou margem suficiente para se buscar e encontrar interesse nas outras partidas.

Não houve surpresas, mas dois resultados ultrapassaram a expectativa: o do Estoril e o de Guimarães. Cinco golos à defesa belenense, mais do que o que ela tinha sofrido no somatório dos seus encontros, é muito golo. Também a diferença no campo de Amorosa dá a sensação de excessiva.

Pondo de lado o desafio da Tapadinha, desnivelado, as outras lutas acusam equilíbrio — o qual se manifesta nos próprios resultados.

O total de golos é de 29, média de 4,13 por desafio, tendo dois jogadores feito três tentos: Vital (Atlético) e Lourenço (Estoril).

Repare o leitor atentamente na Tabela que publicamos, pois ela dar-lhe-á valiosas indicações. Mas é preciso saber ler a Tabela, e não usar o critério de que todas as desgraças não suceder aos outros clubes, nada afectando a vida daqueles de que somos partidários.

O Benfica soube ganhar o desafio. Para tal teve audácia, entregando-se logo de começo a jogo firme e persistente de ataque, e não desperdiçando as oportunidades. Raras vezes o Benfica tem ganho ao Sporting — com tanta tranquilidade!

Basta referir-se que os benfiquenses colocaram-se na posição de vitória logo que souo o apito do pontapé de saída, conseguindo três golos até o 16.º minuto, e disputando praticamente toda a partida com essa vantagem (o golo do Sporting foi marcado junto à apitadela final).

Um grupo que se coloca em semelhante situação — pode fazer uma vida tranquila. Mormente

quando a defesa mostra uma resistência a toda a prova.

Os 3 golos iniciais decidiram o pleito. Nesse período, o Benfica jogou primorosamente, com rapidez, desembaraço e precisão, coordenando as passagens e destruindo implacavelmente a combinação da defesa adversária. Mesmo em todo o primeiro tempo, embora tenha abrandado o ritmo na parte final.

O ataque benfiquense era uma vaga que cobria todo o terreno, não encontrando o seu adversário maneira de organizar o contra-ataque. Mais: o Sporting dava a impressão nítida de estar abalado...

Todavia, os leões ainda tiveram moral e forças para a reacção — tentando o impossível... E ao abrir da segunda parte lançaram-se para a frente, cheios de energia — pondo à prova a força da defesa do Benfica.

De sorte que o team vencedor teve ocasião de trabalhar mais, em certos períodos, com o ataque, e noutros com a defesa, mostrando ser capaz de desempenhar uma e outra tarefas com saber e acerto. O grupo não se partiu em bocados, como sucedeu aos leões, mantendo sempre a sua homogeneidade.

Se o ataque benfiquense teve um homem brilhante (Espírito Santo), a defesa encontrou em Felix uma unidade à altura das circunstâncias, e estamos em crer que a sua inclusão valorizou muito a equipa.

Há também que referir o esplêndido comportamento de Rogério, o qual além de arrojado, executou defesas de grande categoria — e contribuiu decisivamente para o triunfo. Pelo contrário, Azevedo está em crise de forma — influido na desorganização da defesa, por se dar o caso curioso de uns não confiarem nos outros. Isto poderá acarretar, mesmo, consequências funestas para o resto da equipa.

Porque o resultado não é desairoso. Mas a qualidade de futebol diferiu de um para outro grupo. No Benfica houve mecanismo de jogo, organização e coordenação, funcionamento quase perfeito de todos os elementos. No Sporting, a característica foi de desentendimento e confusão, sendo todos os lances desenvolvidos na base da energia e vontade. Até os próprios jogadores se admiram da forma desorganizada como actuaram. Insistindo: como vêm jogando ultimamente...

E sob a arbitragem julgamos que merece uma nota razoável. Certamente, o árbitro praticou vários erros de apreciação — fazendo coisas que um juiz de categoria já não pode fazer, como seja o que diz respeito ao corte do jogo, em benefício do infractor. Por outro lado, nem sempre fez a diagonal com rapidez, deixando

por esse facto de apreciar alguns lances junto das balizas. Ha, por exemplo, fundamentos para se acreditar numa 4.ª bola do Benfica, o que, não tendo importância tal como o encontro decorreu — poderia ser decisivo. No entanto, o árbitro agiu com autoridade, desejo de acertar e manifesto sentido de imparcialidade.

O Estoril franqueou esta época o domínio dos fortes, acostumando-se a vencer e a jogar de igual para igual seja contra quem for.

Todos coincidem na apreciação técnica ao encontro: o Estoril jogou melhor do que o Belenenses, e quando assim sucede é justo que ganhe — apesar de nem sempre tal se verificar. Podia, mesmo, não ter sucedido nesta partida... E o começo do encontro fazia prever da parte belenense um belo jogo, na sua fórmula de conjunto, rápida, airosa, em que todos os elementos constroem. Mas logo que o Estoril empatou — começou o seu domínio, que não se limitou a ser de território, mas de ordem geral.

O Belenenses caíu, perdeu o rumo e a desorientação apoderou-se dos seus componentes. Na defesa passava-se algo de extraordinário, atribuindo-se culpas mutuas e surgindo constantemente brechas. O certo é que a desorientação se tinha apoderado de Belém, passando da defesa ao ataque, onde Duarte continua a lutar bravamente, unidade de boa lâmina.

Geralmente, os movimentos de um dos grupos encaixam-se nos do outro. E o Estoril, à medida que o seu adversário descia, ligava e coordenava melhor os seus esforços — afirmando notável disciplina. A defesa robustecia-se, tendo menos que fazer e ficando-lhes tempo para auxiliar o ataque, e este conseguia desenvolver golpes sobre golpes — apoderando-se da situação.

Apesar desta diferença, uma decisão do árbitro havia de influir no desfecho. Foi o caso de, quando os números eram de 3-2, haver o Belenenses empatado — não tendo sido concedida a bola, ao que parece, legítima em todos os aspectos. Pelo menos, é esta a opinião dominante. É difícil prever, no caso deste empate, o que se passaria depois... O Belenenses estava a jogar mal e o Estoril bem, mas a verdade é que o golo é o melhor tónico que há no Mundo. Aqui e em toda a parte.

A que atribuir a desorientação belenense na defesa? Trata-se de jogo. Se, ordinariamente, as defesas levam vantagem, é perfeitamente admissível que um dia o ataque domine a situação. O Estoril encontrava-se num dia maravilhoso de futebol de ataque.

Dos cinco restantes encontros, só um deles (Atlético-Académica) resultou um pouco monótono e desnivelado. Os outros decorreram com interesse, na toada do futebol alternado.

O Atlético alcançou um resultado volumoso, mas isto não traduz jogo de qualidade. Pelo contrário, era de aguardar da equipa, com recentes provas magníficas, melhor comportamento.

O onze jogou sem ligação, apesar de ter dominado intensamente

## Tabela de pontos

	CASA				FORA				TOTAL			
	J.	V.	E.	D. B.	V.	E.	D. B.	V.	E.	D. B.	P.	
Benfica .....	9	4	—	20-4	3	1	16-9	7	1	1	36-13	15
Sporting .....	9	4	—	15-8	3	—	10-6	7	—	2	25-14	14
Estoril .....	9	5	—	27-11	1	1	2-8-10	6	1	2	35-21	13
Belenenses .....	8	3	—	12-3	3	1	10-6	6	1	1	22-9	13
F. C. Porto .....	9	3	—	18-6	3	—	12-7	6	—	3	30-13	12
Atlético .....	9	3	1	23-11	1	—	3-11-16	4	1	4	34-27	9
Elvas .....	9	4	—	19-3	—	1	3-6-19	4	1	4	25-22	9
Lusitano .....	9	3	1	19-10	—	1	3-2-15	3	2	4	11-25	8
Boavista .....	9	2	1	10-11	1	—	3-2-12	3	1	5	12-23	7
Vitória (G.) .....	9	2	1	2-8-9	—	1	3-6-14	2	2	5	14-23	6
Vitória (S.) .....	8	1	1	2-4-8	1	—	3-6-7	2	1	5	10-15	5
Sp. Braga .....	9	2	—	2-8-9	—	1	4-6-15	2	1	6	14-24	5
Oihanense .....	9	1	2	1-5-5	—	1	4-11-25	1	3	5	16-30	5
Académica .....	9	1	1	2-6-12	—	—	5-4-23	1	1	7	10-35	3

# O Sporting da Covilhã

## derrotou o União de Coimbra por 9-0

Eis os resultados da última jornada:

Famalição ...	5	—	Vianense ...	1
Salgueiros ...	2	—	Sanjoanense ...	0
Vila Real ...	8	—	Académico ...	1
Leixões ...	2	—	Oliveirense ...	3
Naval ...	2	—	Ferrovários ...	1
L. Santarém ...	0	—	S. L. C. Branco ...	0
S. C. Covilhã ...	9	—	U. Coimbra ...	0
G. Alcobaça ...	4	—	S. L. Viseu ...	1
Oriental ...	4	—	Operário ...	1
F. Benfica ...	6	—	Onze Unidos ...	2
Luso ...	1	—	Barreirense ...	2
«Cuf» Barreiro ...	3	—	Casa Pia ...	1
G. D. Beja ...	2	—	Portalegrense ...	3
Lusi. Evora ...	1	—	Boa Esperança ...	2
Moura ...	3	—	U. Montemor ...	1
Campomaiorense ...	0	—	Portimonense ...	8

Continuam a registar-se novidades na segunda divisão, embora em ligeiro número quando interveem equipas da vanguarda. A menos que se queira considerar, como novidade extraordinária, a grande derrota aplicada pelo Sporting da Covilhã ao União de Coimbra: — 9-0. A vitória do Salgueiros sobre o Sanjoanense: — 2-0. O triunfo obtido pela Oliveirense, em Leixões; a derrota que sofreu o Campomaiorense em sua casa; o magro resultado do jogo Luso-Barreirense. E por aí fora...

Muitos jogos aparecem com resultados normais. O Famalição, depois de alguns resultados inferiores, ganhou agora ao Vianense, cuja equipa tem marés altas e baixas. Os famaliçenses, entretanto, não devem desalojar o conjunto transmontano do Vila Real, que venceu o Académico no seu campo, 8-1.

Em abono do clube portuense deve dizer-se que tiveram ainda de apresentar a sua equipa reserva. Estão castigados, como já se disse, todos os jogadores de primeira categoria.

Não se esperava muito que o Oliveirense fosse ganhar a Matozinhos. Os rapazes do Leixões ainda há 8 dias venceram o Vila Real... Os grupos da zona norte são muito iguais, em valor técnico, mas o Leixões, de qualquer maneira, foi surpreendido.

No sector central, os navalistas da Figueira da Foz triunfaram. A equipa dos Ferrovários do Entroncamento, entretanto, não se entregou ao adversário, perdendo apenas pela tangente.

Depois de passarmos pelo empate entre «leões» de Santarém, e «aguia» de Castelo Branco, diga-se que os da

Covilhã conseguiram desforrar-se de um modo tremendo do União de Coimbra. O Sporting da Covilhã deu com certeza o salto definitivo para a vitória.

Viseu perdeu novamente. Mas a equipa parece melhorar, sem dívida alguma. Foi a Alcobaça, onde o Ginasio ganhou por 4-1. Por idêntico resultado triunfou o Oriental contra o Operário. Esta equipa também não conseguiu ainda efectuar um jogo que a impusesse no campeonato nacional da Segunda Divisão.

Boa vitória conseguiu o Futebol Benfica sobre o Onze Unidos de Montijo: 6-2. O Barreirense, embora fora do seu campo mas em ambiente que conhece, triunfou com dificuldade. O Luso resistiu bem.

Pelo Alentejo e Algarve — tudo normal. Apenas se deve registar mais uma vez a vitória do Portimonense em Campo Maior. Ganhar por 8-0 no terreno do adversário, que já tem feito *avarias* — é muito importante, sem dúvida. Temos no Portimonense uma equipa de muito valor, capaz de acompanhar o Olanhense e o Lusitano de Vila Real de Santo António?

O Lusitano de Beja também perdeu com o Boa Esperança, de Portimão. O Algarve agiganta-se sobre o Alentejo, pelo que se vê...

Analise-se agora a situação, ou melhor, como se classificaram os clubes da vanguarda — zona por zona. Na zona A, o Sport Clube de Vila Real continua à frente com 14 pontos, seguindo-o a equipa do Famalição com 12, Leixões com 11 e Oliveirense com 10. De notável, a passagem do Famalição para o segundo posto.

Na zona B — O Sporting da Covilhã conta 16 pontos. A Naval e o União de Coimbra ficaram muito a distância — 11 pontos cada. Em 4.º lugar — o S. L. Castelo Branco — 10 pontos.

O Barreirense comanda a zona C, com 15 pontos. Oriental e Cuf estão empatados, com menos 1 ponto que o «leader». A equipa do Onze Unidos de Montijo passou para o 4.º lugar, com 10 pontos.

A vantagem do Portimonense é apenas de 1 ponto, sobre o Portalegrense: — 15 contra 14. O Desportivo de Beja é 3.º, e este ponto dos homens de Portimão é valiosíssimo. O comportamento do Desportivo, de Portalegre, merece igualmente os aplausos da crítica.

na segunda parte. Neste período, valeu o *team* o seu guardaredes — a melhor força da oposição.

Certamente, os estudantes não se limitaram a defesa cerrada. Atacaram por sua vez, e com manifesto perigo. Mas perderam todas as oportunidades criadas, e à custa de sacrifícios. Os seus homens, frágeis, não resistiram ao jogo duro e característico das defesas.

Já o desafio de Guimarães teve rasgos emocionantes. Deve dizer-se que, apesar do que o resultado possa fazer supor, o Vitória fez uma boa exibição, mostrando-se *team* organizado, capaz de se defender e transformar a defesa em ataque, pelo transporte de bola e ligação de jogadas.

O *team* falhou completamente no capítulo do remate, mas mesmo assim proporcionou a Barrigana uma das suas melhores exhibições. Foi um dos seus jogadores (José Maria) que colocou o adversário na boa situação, mas nem isso desmoralizou um onze que quer afirmar-se.

O Porto desuniu-se um pouco na defesa, mas esteve bem quanto ao ataque, desenhando lances puros de jogo, e sabendo finalizar.

O Desportivo de Elvas bateu Sporting de Braga, mas esta equipa não safu diminuída da luta, impondo ao encontro o sinal de futebol alternado, isto é, perguntas e respostas.

O domínio repartiu-se: um primeiro tempo de vantagem para Elvas e uma segunda parte em que Braga foi superior.

Mas notaram-se no *team* elvense várias falhas que estão a afectar o conjunto, em contraste com um *team* (Sporting de Braga), de bom plano, coesão e força técnica e moral, ao qual há apenas que fazer a acusação de mau remate.

Em valor comparativo, o grupo que vem desempenhando um dos melhores papeis é o Lusitano. Sabemos perfeitamente que o prolongar da luta produz um grande desgasto, e que resta conhecer as

qualidades de resistência da equipa algarvia.

Por enquanto, sabe-se que os seus componentes têm pulmão e gás para darem ao seu futebol o ritmo da velocidade, afectando a organização do adversário e destruindo as suas bases. E' na energia, mas especialmente na toada da rapidez, que o Lusitano aperfeiçoou a sua equipa — que não são onze unidades, mas um verdadeiro grupo. Sujeito nesta jornada a um jogo duro, e a uma lesão que colocou um jogador em condições inferiores, a equipa reagiu com brilho, nivelou a partida em futebol e venceu.

Os setubalenses procuraram a todo o transe abrir brechas no adversário, de modo a criarem situações mortais. Construíram, mesmo, vários golpes de bom jogo, mas não tiveram forças suficientes para dominar o ambiente e vencer a energia e rapidez do Lusitano.

Um exemplo típico de mau remate forceceu também o Olanhense no campo do Boavista. Os algarvios meteram-se bem no sistema de passagens, chegaram várias vezes à baliza do adversário, mas aí estragaram tudo que de bom havia feito. A lesão de Moreira diminuiu o poder da equipa.

Todavia, é de notar que a defesa boavista se manteve ligada, não se desorganizando. Tal permitiu que o ataque construísse o seu futebol com base e segurança, apesar da confirmação (o 2.º golo) ter demorado e provocar emoção.

### A 10.ª JORNADA no próximo domingo

Olanhense-Vitória G.  
S. de Braga-Boavista  
Belenenses-Elvas  
Benfica-Estoril  
Académica-Sporting  
Vitória S.-Atlético  
Porto-Lusitano

## A "graça" da semana



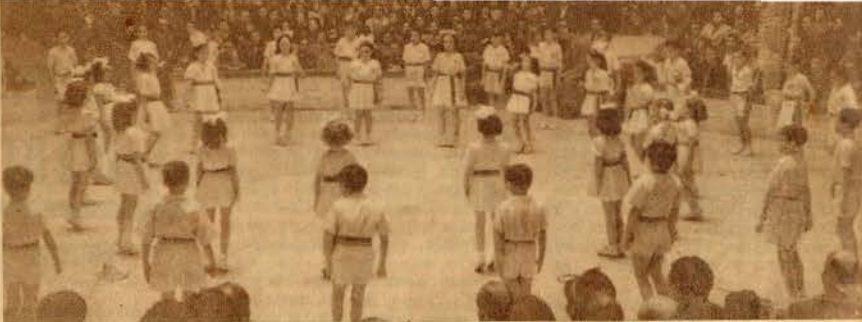
— Os «mortos» ressuscitam? !...  
— E o peor é que ninguém pode agora... com a vida deles!

## O Futebol é a Minha Profissão

«Football is my business»

Por TOMMY LAWTON

A sair brevemente na «Stadium»



# O LISBOA GINÁSIO

*Paladino da educação física*

Lisboa Ginásio no sarau de quinta-feira passada no Coliseu dos Recreios escreveu mais uma página brilhante da sua carreira. Foi um espectáculo admirável, de probidade artística, valor desportivo e atlético, ao mesmo tempo cativante pela alegria com que os seus ginastas animaram todos os números do programa. Êxito absoluto, ovações prolongadas, e bem merecidas! Por vezes, durante o sarau, o Coliseu em peso — cheio como estava! — ficou suspenso da beleza dos exercícios.

Fotos F. SÁ

Tudo correu bem! Eles magníficos de apresentação atlética, movimentos certos, atitudes enérgicas, desenvolvendo com precisão os seus esquemas. Elas aliando à correcção dos seus exercícios a graciosidade dos movimentos.

O sarau começou pelo desfile de todos os atletas — mancha suave pela alvura das suas equipas. Depois a classe infantil, mista, dirigida pelo prof. Alberto Marques Pereira. Comportamento interessante, o dos mais miudos do Lisboa Ginásio. Nota de encanto!

Os exercícios a mãos livres por alunos da classe de ginástica aplicada do prof. Robalo Gouveia foram simplesmente impecáveis.

O monitor João Lourenço dirigiu a seguir as demonstrações de luta greco-romana e a primeira parte terminou com a exibição da classe de meninas do prof. Anibal Ramos, ginástica educativa e musicada, que as gentis ginastas executaram primorosamente, concluindo com saltos de plinto.

A barra fixa abriu a segunda parte. Robalo Gouveia com alunos da classe de ginástica aplicada preencheu o número excelentemente com séries de exercícios que primaram sobretudo pelo equilíbrio de apresentação de todos os atletas. Manuel Matos e o aluno Mário Costa fizeram demonstrações de boxe.

Depois, uns momentos de arte. A "Valsa n.º 14, de Chopin" pelas alunas da classe de dança rítmica da prof. Ruth Heller.

De novo os alunos da ginástica aplicada vieram entusiasmar a assistência com o rigor atlético dos seus exercícios nas paralelas a que se seguiu uma exibição primorosa de ginástica educativa, por uma fracção — numerosa — da classe de rapazes do prof. Curt Johansson. Admirável. A correcção dos atletas, o desenvolvimento impecável dos exercícios — excelentes. E a assistência exigiu que a classe voltasse ao círculo a receber os aplausos que não mais cessavam...

E chegou-se ao "clou" da festa — os vôos à "Leotard"! Lá no alto, Rogério Torres com os seus alunos Álvaro Santos Nogueira, Augusto Tito Morais e Manuel Prata Dias, evoluíram de forma emocionante. Algumas duplas passagens, então, foram de uma precisão que encheu de júbilo os milhares de pessoas que viveram os arriscados exercícios.

O prof. Domingos Miguel e os seus alunos Carlos Carvalho e Cipriano Silva, exibiram-se no jogo de pau e o sarau veio a terminar com entusiasmo e ovações prolongadas que coroaram os saltos em mesa alemã pelos alunos da ginástica aplicada do prof. Robalo Gouveia.

Parabens ao Lisboa Ginásio. A sua noite de quinta-feira no Coliseu foi mais um êxito, grande e prestigioso, na sua vida inteira e devotadamente dedicada à progandia da educação física. — F. S.



# Ipiña acredita num triunfo espanhol frente a Portugal

## ... mas reconhece os progressos do futebol português



Ipiña enverga a camisola de internacional no desafio contra Portugal celebrado no estádio de Riazor, na Corunha

Juan Antonio Ipiña é de sobra conhecido em Portugal. Asseguráramos que, entre os adeptos do futebol do país amigo, o é tanto como em Espanha. Ipiña foi diversas vezes capitão da equipa espanhola que defrontou a portuguesa, e as suas actuações resultaram em geral excelentes, o que contribuiu para aumentar o seu prestígio e a fama, tanto cá como lá.

Também noutros países conhecem Ipiña. Quantos futebolistas tiveram ocasião de jogar contra o actual médio-centro do Real Madrid não esquecesse o cavalheiresco jogador, tão correcto, tão limpo, tão nobre e tão grande conhecedor dos segredos da bola.

Em Espanha Ipiña é, sem dúvida, o mais considerado dos jogadores actuais, e sempre que dele se fala, basta dizer-se «el maestro» para saber de quem se trata.

Seis vezes envervou Ipiña a camisola da selecção espanhola; três delas, contra Portugal: em Lisboa, em 1941 e 1945 e em Bilbao em 1941. E noutras ocasiões figurou como suplente da equipa. Presentemente, não figura o seu nome no futuro grupo espanhol que defrontará a selecção portuguesa no novo campo de Chamartin. Uma momentânea baixa de forma do «maestro» originou que outros rapazes, mais jovens, com mais faculdades físicas, ainda que com menos experiências e conhecimentos técnicos, venham a ocupar o honroso posto onde ele tantos triunfos alcançou. Porém, os últimos encontros em que interveio, devolveram ao veterano jogador muitas das suas possibilidades, pois não é fácil igualar, por exemplo, a maravilhosa actuação de Ipiña frente ao Atlético de Bilbao, num dos últimos desafios da Liga, onde o grande internacional brilhou esplendidamente.

Seja como for, Ipiña é uma indiscutível primeiríssima figura do futebol espanhol. Começou a jogar, com carácter oficial, na equipa do Erandio, modesto clube viscaíno, chegando à «final» do campeonato nacional de aficionados em 1932. Depois, passou à Real Sociedad de San Sebastian, onde, como anteriormente no Erandio, jogava de interior-esquerdo. As suas excelentes qualidades foram prontamente vistas e apreciadas pelos dirigentes do Atlético de Madrid, que o incorporaram no seu conjunto. E ali começou a luzir de tal maneira que, a 19 de Janeiro de 1936, foi incluído na equipa nacional que disputou contra a Austria um desafio em que, pela primeira vez na sua

história, a selecção espanhola perdeu em terreno próprio. 5-4 foi o resultado daquele memorável encontro no qual a dianteira espanhola jogou de forma insuperável, mas a fraqueza do resto da equipa, salvo raras excepções, permitiu a vitória do adversário. Duas semanas depois, a 2 de Fevereiro, defrontavam-se no Porto as selecções austriaca e portuguesa, num encontro arbitrado por quem escreve estas linhas. Ainda conservamos na memória aqueles inolvidáveis dias passados em terra portuguesa, e o caracteríssimo e excelente jogo desenvolvido no estádio do Lima. Austria venceu por 3-2. Era a época da «equipa maravilha»!

Poucos instantes depois de termi-



Por motivo da retirada do loureiro do grande marcador Marcel Lelanda, sócio do Real Madrid, o clube ofereceu-lhe uma taça a qual foi entregue por Ipiña, capitão da equipa, antes de um encontro disputado no desapeinado campo de Chamartin

nado o grande desafio Real Madrid-Atlético de Bilbao pusemo-nos a conversar com Juan Antonio Ipiña. Queríamos conhecer as suas impressões sobre o próximo Espanha-Portugal aguardado com tão grande expectativa nos dois países interessados.

Ipiña é pouco falador. Não é amigo de fazer muitas amplas declarações. Mas desta vez, sabendo que as suas palavras são para a imprensa portuguesa, não quer negar-se.

— Bem! Mas não quero fazer prognósticos nem dizer muitas coisas. O partido é muito difícil e um juízo aventurado seria ridículo.

— Diz-nos simplesmente como vê o futebol espanhol na actualidade.

— Creio que melhorou bastante desde a última vez que jogaram Portugal e a Espanha. Há mais jogadores de classe, mais orientação quanto a sistemas de jogo e melhor preparação de conjunto.

— Então...?

— Então, nada. Isto não pretende ser um prognóstico. É apenas uma forma de ver a provável equipa nacional, para a qual existem maiores facilidades de formação e preparação. — Apesar de tudo, tu viste jogar há pouco tempo uma boa equipa portuguesa, o Belenenses.

— Sim. E gostei muito. O facto de termos ganho, não diminui em nada o mérito da equipa azul. Jogaram muito bem e demonstraram que podem ser terríveis para qualquer grupo que se lhes oponha.

— O desafio talvez tenha conduzido a alguma referência quanto ao próximo Espanha-Portugal...

— De nenhum modo. Repara que o Belenenses tem uma soberba parelha defensiva e uma linha média que joga muitíssimo. A sua dianteira também me satisfaz, apesar de pouco rematadora. Mas a equipa nacional não é o Belenenses. A sua linha de ataque — vimos em Lisboa — sabe jogar e atirar às balizas. E, pouco mais ou menos, será parecida com a que jogue em Chamartin outra vez contra Espanha. E pense o que será o Belenenses com uma avançada como a do Sporting...

Ipiña é muito lógico nas suas razões. Ninguém pôe em dúvida a classe, o jogo e a potência da selecção portuguesa. Nem do entusiasmo com que entrará no campo em busca do triunfo...

— Bem, Juan Antonio — inquirimos — parece-me que não te podes negar a um prognóstico. No fim e ao cabo, já quase dissesseste mais do que querias dizer...

Pensou um pouco. Depois, com calma, quase com exagerada lentidão, continua a dizer-nos:

— Pois. Lá vai! Sei a valia da equipa portuguesa, porque conheço bem os progressos do futebol em Portugal. Sei com quantos cuidados se prepara os futuros «internacionais». E repito que a selecção lusitana será um escolhido difícil para a nossa equipa. Mas...

Calou-se de repente. Como se não se atrevesse a dizer a última palavra. Temos que animá-lo de novo.

— Mas, quê?

Vai-la novamente, e, por fim, decide-se:

— Pois tenho confiança nos nossos. Porque vejo os progressos das nossas equipas: os novos e grandes jogadores que se consagraram este ano, o desejo grande de todos de

«apagar» aqueles 4-1 do Estádio Nacional português, o maior cuidado de que se rodeia a preparação da equipa e que se prestará de aqui em diante. Acredito, numa palavra, que a Espanha pode ganhar.

E, em seguida, como se tivesse falado demastado, disse:

— Claro está que a coisa não é fácil. Portugal progrediu muito...

— Vais dar o dito por não dito...

— Não, não! Tenho fé nos espanhóis. Hão-de pôr na luta todo o entusiasmo e decisão.

— Como o Real de Madrid frente ao Atlético de Bilbao.

A recordação da luta parece alegrá-lo. A sua cara toma um aspecto menos sério; um sorriso divisa-se nos seus lábios. Logo, continua:

— Contentar-me-ia em que as coisas saíssem como hoje aqui. Que a selecção fizesse uma partida tão completa como a do Madrid de hoje.

— E que ganhasse por 5-1 também? Um golo a mais que em Lisboa...

Ipiña ri-se francamente e acaba: — Isso já é pedir muito. Contentemo-nos com o triunfo. O resultado, apesar da sua importância, é coisa secundária. Ainda que um 5-1, é claro... — R. M.



Durante uma sessão de treino no Estádio Metropolitano, Ipiña corre os cem metros planos

# Apontamentos para a história da sua prática em Portugal



Tomás Gabriel Ribeiro, primeiro recordista português do salto em comprimento

## IX — O salto em altura

(Continuação)

Só em 1946 voltou a competir, ganhando o campeonato nacional e classificando-se em terceiro lugar no encontro com a Espanha em Barcelona. O seu melhor resultado foi de 1<sup>m</sup>.84.

O outro, João Darães, manteve presença continuada mas não progredia o que ananciavam os seus primeiros êxitos. Em 1942 foi campeão de principiantes com 1<sup>m</sup>.77, batendo outro principiante que veio a ser gente grande: Luis Alcides Garcia; campeão regional e nacional de juniores com 1<sup>m</sup>.80 e 1<sup>m</sup>.75, segundo classificado no regional de seniores (vencedor, Mito Fernandes com 1<sup>m</sup>.85), transpondo 1<sup>m</sup>.80, marca que nunca mais conseguia ultrapassar.

Nestes últimos anos estes têm sido os nomes mais em evidência nos concursos de altura; alguns habilidosos apareceram, mas estagnaram por várias razões. Serodio Gomes, que saltou, em 1945, 1<sup>m</sup>.77 e depois perdeo facilidade em consequência de uma lesão no joelho; Manuel Sousa Dias e Elói Costa Pereira, que na mesma época passaram 1<sup>m</sup>.74 e por aí ficaram; Manuel Meneses, o mais moderno, que em 1947, no encontro com a Bélgica, transpôs 1<sup>m</sup>.80.

Em resumo, em 35 anos de existência do atletismo português, só nove saltadores passaram 1<sup>m</sup>.80 ou mais; doze outros, de 1<sup>m</sup>.75 a 1<sup>m</sup>.77; e treze ainda, entre 1<sup>m</sup>.72 e 1<sup>m</sup>.74.

Reconheçamos que é muito pouco.

## X — O salto em comprimento

Estes capitulos referentes às provas de concursos são, para o historiador, de aridez desanimadora; limitados forçosamente ao monótono relato dos factos, sem aqueles incidentes e pormenores que sempre amenizam as referências a corridas, criam, no espírito de quem escreve, os maiores embaraços na busca da forma a dar ao assunto para captar o interesse dos leitores.

À agravar a situação vem, ainda, a medietude geral dos resultados; épocas ouve, no salto em comprimento, por exemplo, em que os pobres seis metros foram um mito e, através dos

quarenta anos abrangidos por esta análise sintética, apenas encontramos 27 homens que ultrapassaram os 6<sup>m</sup>.30 e, nos primeiros vinte anos da nossa actividade atlética o número de saltadores que atingiram o paupérrimo limite dos seis metros foi, apenas, de 39.

Esta insaliciência proveia, durante tanto tempo, do desconhecimento das boas normas técnicas por parte dos especialistas portugueses e da sua escassa preparação para a modalidade; ans, eram corredores de velocidade que aproveitavam este dom; outros, saltadores habilidosos que se satisfiziam aproveitando o geito com que a natureza os dotara. Bem raros aqueles, melhor diria nenhuns no decurso dessas primeiras décadas, que se preocupavam com o estado e medição da corrida preparatória, confiando ao acaso e êxito de cada tentativa.

Em 11 de Novembro de 1906, o Clube Internacional de Futebol organizou, no recinto do Velódromo de Polhavã, um certame atlético cujo programa incluía uma prova de salto em compr-

imento saltador isolado, o número de 5<sup>m</sup>.50 e o vencedor da prova, C. Barley, alcançou 5<sup>m</sup>.34, ficando em segundo Fernando Pinto Basto com 5<sup>m</sup>.22.

Três semanas depois, no mesmo local, outro concurso reunia os representantes dos clubes lisboetas e os ingleses de Carcavelos, que venceram todas as provas. Classificou-se primeiro, no salto em comprimento, Barley, com 5<sup>m</sup>.67.

Em Junho do ano seguinte, em terceiro torneio similar, voltava C. Barley a vencer, com 5<sup>m</sup>.60.

Só encontramos nova referência a actividade atlética em 1909, por intermédio de um concurso inter-escolar celebrado em dia de Santo António; o salto em extensão foi ganho pelo aluno do Colégio Militar, Arnaldo Ramos, com 5<sup>m</sup>.35.

No mesmo dia, no Porto, Edoardo Damont Vilares venceu uma prova idêntica, alcançando 5<sup>m</sup>.08.

O ano de 1910, marcando a origem organizada do atletismo português, traz sensível progresso na especialidade; a competição nos primeiros Jogos Olímpicos Nacionais terminou com a vitória de Tomás Gabriel Ribeiro, com 5<sup>m</sup>.95, distância que ficou sendo tomada como recorde nacional. No salto sem corrida, variante nova, Krass Gomes obteve o melhor resultado com 2<sup>m</sup>.68.

Gabriel Ribeiro, perfeito atleta que depois se formou em medicina e hoje toma ordens religiosas, representava o Sporting Clube de Portugal, clube que tem fornecido considerável percentagem dos melhores saltadores portugueses; dos oito recordistas nacionais, quatro foram sportinguistas e nos dez melhores, cinco são «leões».

Nas épocas seguintes, os concursos não tiveram interesse de maior, bastando enumerá-los:

1911 — Jogos Olímpicos Nacionais, saltos com e sem balanço, respectivamente Gabriel Ribeiro com 5<sup>m</sup>.37 e Fernando Pinto Basto com 2<sup>m</sup>.70, novo máximo nacional.

1912 — Mesmo torneio, Gabriel Ribeiro com 5<sup>m</sup>.95 e Plácido Caldeira com 2<sup>m</sup>.875, novo recorde.

1913 — No concurso da Semana Desportiva do jornal «O Mando», Gabriel obteve novo êxito, com 5<sup>m</sup>.52, batendo um jovem bentiquista, vindo do liceu de Évora, onde criara fama: Cabeça Ramos, que mais tarde veio a ser durante a bagatela de 15 anos, recordista do salto à vara.

Na prova de salto sem balanço, o recorde foi mais uma vez

melhorado pelo sportinguista Damião de Gois, que alcançou 2<sup>m</sup>.92.

No campeonato universitário, realizado em seguida, dois atletas conseguiram, finalmente, ultrapassar os seis metros: Correia Leal, 6<sup>m</sup>.25, recorde nacional e Silva Pereira, 6<sup>m</sup>.06; nos Jogos Olímpicos os mesmos saltadores se classificaram, mas em ordem inversa: Silva Pereira com 6<sup>m</sup>.10 e Correia Leal com 6.05 metros.

Os vencedores do salto sem corrida, nestes dois torneios, foram respectivamente Pedro Viriato dos Reis com 2<sup>m</sup>.92 e Armando Cortezão com 3<sup>m</sup>.07, novo recorde. Damião de Gois, o antigo detentor, alcançou 3<sup>m</sup>.01.

O grande vencedor em 1914 foi o negro Arnaldo Chicharro, campeão escolar com 6<sup>m</sup>.01; foi este o primeiro saltador a quem vi executor o golpe de teozoura, nama época em que este pomenor técnico não era sequer usado pelos campeões estrangeiros. Merece, portanto, ser considerado como precursor por instinto, infelizmente incompreendido e que não criou escola.

Nos Jogos Desportivos da Federação, repetia a proeza saltando 6<sup>m</sup>.07, ao passo que nos Jogos Olímpicos Nacionais se verificou o empate a 6<sup>m</sup>, entre Silva Pereira e o eborense Joaquim Monte.

Em 1915, apenas se celebram os Jogos da Federação, nos quais Chicharro eleva o recorde português para 6<sup>m</sup>.37 e outro grande atleta, António da Silva Martins, melhora também o máximo do salto sem corrida para 3<sup>m</sup>.09.

Finda aqui a actividade dos organismos oficiais no período anterior à Grande Guerra; seguem-se dois anos de inacção, até que a iniciativa do Spor Lisboa e Benfica desperta, com o seu concurso anual, de novo o atletismo nacional.

Eis os resultados dos concursos de salto em comprimento nos sucessivos torneios do S. L. B.: em 1918, Júlio Montalvão com 5<sup>m</sup>.57 e, na prova sem balanço, triângulo absoluto da família Almeida: Demóstenes com 3<sup>m</sup>. Pedro com 2<sup>m</sup>.83 e Pascoal com 2.80 metros.

Em 1919, dupla vitória de Demóstenes de Almeida, com 5<sup>m</sup>.81 e 3<sup>m</sup>.01, repetida em 1920, com 5<sup>m</sup>.72 e 2<sup>m</sup>.91.

Em 1921, Pedro de Almeida com 5.58 e Honório Costa com 2.97 metros.

(Continua)

Salazar Carreira



Apio de Almeida recordista nacional em 1923

mento; pouco confiados no resultado da sua iniciativa, os organizadores previam no regulamento a hipótese de inscrição de um único concorrente em qualquer prova, fixando o mínimo necessário para sua classificação com direito ao prémio.

No salto em comprimento, os concorrentes foram numerosos; a tabela marca para o hipoté-

**F**ACA o leitor de conta que Francisco Silva nos falou de uma só vez. Para o colocarmos em frente de cada problema, na verdade, só assim. Francisco Silva referiu-se primeiro ao combate Joe Louis — Joe Walcott, e o acontecimento valla bem uma reportagem. Depois — o basquetebol nos Estados Unidos, pela sua importância, pelo imprevisito, pela diversidade curiosa das suas leis, também justificava uma página. O futebol, o popular futebol, que Portugal pratica com entusiasmo, que todos nós adoramos, não poderia ficar esquecido... E hoje, na quarta palestra com Francisco Silva, abordaremos o queil sobre o géllo, um desporto que o nosso país não conhece — por não querer...

Em verdade, sendo Portugal Campeão do Mundo e da Europa de queil em patins, — ser-lhe-ia impossível adaptar-se ao queil sobre o géllo? Talvez questão de experiência... Claro que o queil sobre o géllo tem as suas dificuldades. Na América do Norte, por exemplo todos os praticantes se destacam pela maneira viril como se entregam ao jogo, poucas vezes falhando a cena de agressão e de discórdia — com a própria colaboração do público...

O queil sobre o géllo, nos E. U. da América, chama ao Madison Square Garden, sempre, numeroso publico. O celebre recinto, por onde já passam as mais famosas figuras do pugilismo mundial, transformado num repente em pista de géllo, fornece aos olhos de um visitante desconhecedor imagens ineditas e impressionantes.

Foi o caso de Francisco Silva. Ele nos diz:

— Nunca pensei que o queil sobre o géllo pudesse despertar tanto entusiasmo!



General John Reed Kilpatrick, presidente do Madison Square Garden

mentos. Como acontece no futebol e no basquetebol, substituem-se quantos forem precisos. Os americanos, pelo que vi e já lhe expliquei, nas reportagens anteriores, adoram o espectáculo e por isso não querem ver-se privados de uma equipa completa.

— Parece justo...  
— Mas não sabe o melhor. Quando as coisas não correm de feição, os jogadores envolvem-se em autenticas cenas de pancadaria!

— Influência dos combates realizados no mesmo recinto, talvez...

— Seja... Independentemente desses incidentes, o queil sobre o géllo tem emoção, em boa verdade. Para os americanos. Mesmo quando os jogadores se entregam a violencias. Depois, como há sempre uma equipa completa, visto que entram quantos jogadores forem precisos, às vezes um «team» novo, — as energias contagiam o mais indifferente.

— Há belas equipas, com certeza...

— Admiráveis. Os campeonatos, em que entram fortissimi-

## O Oquei sobre o gelo é entusiasticamente praticado nos Estados Unidos

John Reed Kilpatrick é fervoroso adepto da equipa. O Rangers foi campeão em 1926/27, 1931/32 e 1941/42 e o general Kilpatrick fez «doidices» com os seus vencedores... Os canadianos, no actual momento, levam-lhe a palma, assim como o Tronto.

— Há jogadores que se tornam conhecidos pela sua maldade?

— Pois há: — Ching Johnson, por exemplo: E' aquilo que se chama o «homem da perna de pau...», uma espécie de «Ivan — o terrível!». Volta, meia volta, está fora do recinto, castigado. Bate o «record» das

expulsões. No queil sobre o gelo, o árbitro expulsa o jogador por uns tantos minutos. O «nosso» Ching Johnson aparece à cabeça de todas as listas... Em 1927/28, foi castigado em 146 minutos; em 1932/33, em 127 minutos; em 1931/32, 106 minutos; em 1933/34, 86 minutos; em 1929/30, 82 minutos. Foi o seu melhor ano: — figurou em 9.º lugar; nos três primeiros, foi sempre «leader»... — Poderia tentar-se, em Portugal o queil sobre o gelo?

— O publico gostava, certamente. Como sabe, o gelo «fabrica-se». No Madison Square Garden, depois de se levantar a placa de madeira, onde se joga o basquetebol — aparece-nos a pista de gelo. E o publico não fica a tiritar de frio... «Aquece» a valer no decurso do encontro.

— Ao contrario do futebol, nesse caso, o queil sobre o gelo entusiasma os americanos...

— Como os canadianos. Se os portugueses vissem jogar duas bons equipas, em New York, naquele ambiente febril do Madison Square Garden, lembrar-se-iam muitas vezes do queil em patins que apreciamos no Pavilhão dos Desportos. O confronto é impossivel. Até porque a luta por ser áspera, violenta — deixaria nos espiritos uma impressão curiosa...

«De qualquer dos modos, gostei de ver queil em patins sobre o gelo. E como esta nossa palestra já ocupou muito espaço — concluiremos as reportagens na próxima semana. Informaremos o publico, se achar bem, sobre outras coisas que vi no caminho da Europa para a América.

Rodrigues Teles



Ivan — o Terrível! Nem mais nem menos do que Ching Johnson...



A equipa do Rangers em 1939/40

Vimos Portugal e várias nações da Europa, vibrando, no Pavilhão das Exposições, quando do Campeonato do Mundo de queil em patins — que o nosso país ganhou com brilhantismo. Mas um jogo de queil sobre o géllo, no Madison Square Garden, não me fazendo vibrar, evidentemente, deixou-me surpreendido.

— Os motivos?

— Olhe: o queil sobre o géllo, como sabe, é jogado por 6 ele-

mos grupos canadianos, são disputados em 10 voltas. O grupo do Montreal Canadiens impressiona os americanos. Mas o Toronto Maple Leafs, o Boston Bruins, o Detroit Red Wings, o New York Rangers e o Chicago Black Hawks, estavam ultimamente bem classificados.

«O Madison Square Garden tem a sua equipa privativa: — o New York Rangers. O presidente do Madison, general



Três dos mais famosos jogadores do Rangers: Bill Cook, Frank Boucher e Bun Cook

# BASQUETEBOLE

O MAU TEMPO NÃO DEIXOU EFECTUAR  
A SEGUNDA JORNADA DO CAMPEONATO DE LISBOA

**N**A impossibilidade de fazer disputar o seu campeonato no local apropriado — o Pavilhão dos Desportos — a A. B. L. marcou os encontros referentes a esta prova para os campos descobertos do Ateneu Comercial e do Sporting. Os efeitos desta forçada decisão não se fizeram esperar: logo na segunda jornada de competição, o mau tempo impediu que se desse cumprimento ao programa estabelecido, obrigando ao adiamento de jogos com toda a série de aborrecimentos que estes atrasos sempre provocam. E, por certo, ao longo dos dois meses que dura o campeonato, algumas vezes mais o público e, sobretudo os jogadores, vão ter necessidade de enfrentar as más condições climatéricas, normais, afinal, em Janeiro e Fevereiro. É pena, por isso, que não possam conciliar-se todos os interesses em causa, de forma a que o magnífico Pavilhão dos Desportos contribuisse para o progresso e para o «conforto» de uma modalidade que já prova ter valor e expansão suficientes para entrar, sem favor, no esplendido edifício do Parque Eduardo VII.

Ao que nos consta, os jogadores e os treinadores dos clubes da Divisão de Honra, vão enviar, por intermédio das entidades desportivas competentes, à Câmara Municipal de Lisboa, uma exposição devidamente fundamentada na qual serão focados os inconvenientes da prática do basquetebol em recintos ao ar livre, principalmente, durante os meses de inverno. É curioso, de facto, esta iniciativa que apenas vem provar como são justas e lógicas as reparações que, ao assunto, a Imprensa tem feito, nos últimos tempos.

Confiamos, mais uma vez, na resolução deste momentoso problema, que tanto interessa os basquetebol portugueses.

No único jogo que se realizou, na jornada do dia 6, os benenenses venceram o Lisboa Ginásio por 41-29. Os estreantes da prova voltaram a exhibir-se com agrado,

dificultando a acção da cotada equipa dos «azuis». Depois do intervalo, os ginastas chegaram mesmo a dominar, durante vários períodos, mas esse domínio não chegou a concretizar-se, por evidente nervosismo dos seus atacantes. No entanto, o Belenense venceu com mérito absoluto, não se intimidando com as constantes arremetidas do seu adversário. Foram adiados os jogos Benfica-Lisgás e Sporting-Carnide.

O programa de sexta feira, embora incluisse três jogos de agrado, atraiu pouco o público, talvez porque a noite, fria e com pronúncios de chuva, fazia adivinhar nova interrupção e consequentemente a perda dos escudos deixados na bilheteira... Afinal, tudo correu pelo melhor, com os jogadores a tirarem de frio e os espectadores de pé, para evitarem o desagradável contacto das bancadas de cimento...

No primeiro encontro da noite, o Algés derrotou o Carnide, por 36-35. O resultado traduz bem o equilíbrio desta partida, que o Carnide perdeu nos últimos segundos, depois de ter comandado a marcação durante todo o segundo tempo. A seguir, o Belenense venceu o Lisgás por 36-26, num encontro interessante e bem disputado. O Lisgás foi um adversário digno, que nunca se entregou, merecendo por isso sinceros louvores.

O Sporting e o Atlético disputaram o jogo de «fundo». Os «alcantarenses», ao contrário do que se previa, não tiveram grande dificuldade em vencer, por 30-18; o Sporting possuindo inegavelmente um bom lote de jogadores, pecou, no entanto, pela má colaboração de todos esses elementos. Diga-se, porém que, os «leões» devem ser, dentro de pouco tempo, terríveis adversários para qualquer equipa. O jogo do Atlético também não agradou, embora os seus atletas tivessem feito o suficiente para merecerem o triunfo. Aguardemos, pois, novas exhibições para avaliarmos as possibilidades do conjunto alcantarenses.

Monteiro Poças

## Album dos Jogadores

Em separata publicamos hoje

ARAUJO e DANIEL

Em cada número — 2 fotos dos jogadores de futebol

Para atender a todos os pedidos estamos a fazer a reimpressão das fotos de F. FERREIRA e A. BENTES

Pedidos a "Stadium"

Rua da Rosa, 252-1.º — Telefone 31187

## CORTA-MATO

# Nova vitória do Benfica

no Cross dos Sete

**A** segunda prova da temporada de inverno não foi, sob o ponto de vista do critério técnico de organização, mais feliz do que a precedente.

Em competição aberta a todas as categorias de corredores, os dirigentes responsáveis escolheram um percurso duríssimo — na própria opinião dos praticantes, bem mais difícil do que o da Tapadinha e agravado pelo mau estado dos terrenos lavrados, onde se enterravam até ao tornozelo — com uma rampa longa e íngreme que era escalada quatro vezes; a meta foi colocada no fim de uma forte descida, o que é um erro inaceitável e, pior ainda, sem as mais elementares precauções de sinalização e largueza necessários à regularidade do esforço final dos concorrentes.

Os espectadores presentes, que felizmente eram poucos, aglomeraram-se formando estreito corredor, mas sem que este procedimento representasse indisciplina, pois os técnicos e dirigentes associativos foram os primeiros a avançar formando a parede estrangulada do canal de chegada, onde apenas cabia um homem.

Como os dois primeiros chegaram latando o ombro, deu-se o inevitável choque, porque aquele que trazia ligeiro avanço foi obrigado a entrar na linha do adversário para se enlutar pelo corredor de chegada. Que teria acontecido, se a vitória fosse disputada por um pelotão de corredores?

Apenas dois clubes se inscreveram na prova: o Benfica com vinte representantes e o Sporting com dez; o Belenense e o Atlético, que apenas dispõem de elementos novos, não quiseram — e muito bem — repetir a arriscada experiência da semana anterior.

Na primeira volta, percorrida em 3 m. 45 s., os benfiquistas marcaram logo superioridade colectiva, passando à cabeça um grupo formado por Armando, Miranda, Gomes, João Silva, Alfonso Marques, Conde e Araújo.

A segunda passagem, 4 m. 8 s. depois, Gomes, Conde e Silva vinham separados e as distâncias entre os concorrentes acentuavam-se consideravelmente; o terceiro ciclo foi percorrido em 4 m. 7 s., vindo já Gomes e Conde isolados, com Gonçalves a aproximar-se de Silva e Marques a perder terreno.

Os dois gais mantiveram-se colados durante a última volta, 3 m. 58 s., ganhando na embalagem o sportingista Álvaro Conde, por um escasso peito e nes péssimas condições que atrás apontamos.

Seguiram-se-lhe quatro adversários, Manuel Gomes, Manuel Gonçalves, João Silva e Fernando Pereira; outro sportingista, Joaquim Soares, e mais dois encaroados: José Araújo e Jaime Miranda. O Benfica meteu, assim, sete homens nos nove primeiros, o que é notável.

Salazar Carreira

## JUNIORES

# Mantêm-se as classificações

**C**OMEÇOU a segunda volta da primeira fase do campeonato. As classificações não sofreram alteração, confrontando-as com as que indicamos no nosso último número.

A nossa Revista, desde os primeiros jogos que deu indicações firmes sobre o valor de todas as equipas e, assim, não nos foi difícil apontar os favoritos, na maioria os que se classificam para a fase decisiva.

As equipas A e B do Benfica continuam invencíveis nas respectivas séries, mas para dar seguimento ao trabalho em profundidade, só uma poderá passar à fase final...

Estamos convencidos de que até ao fim desta segunda volta, poucas ou nenhuma alterações devem surgir.

O resultado mais volumoso desta jornada pertenceu à equipa do Benfica A, que venceu o Ar-

roids por 7-0 — mesmo fora de casa.

Seguiu-se o Aguias Vilafranquense, que em luta com o seu mais directo adversário — Operário — lhe infligiu a pesada derrota de 5-0. Tivemos igualmente mais dois resultados de 4-0 impostos pelo Oriental e Operário.

Aqueles resultados a zero bolas, dizem bem da diferença de valor das equipas concorrentes após o apuramento para a fase final das equipas de cada série. Será bom que tenha princípio uma outra prova para as equipas que não se classificarem.

Esta maneira, são duas provas interessantes, visto os valores serem equilibrados, e melhor se poderá ajuizar das possibilidades dos jogadores, pois que, afinal, é para isso que os clubes têm as suas equipas de Juniores.

M. V.



## ANDEBOL

# A fação "Oriental" ficou em Belem

**N**O encontro decisivo para a taça «Oriental», disputado no domingo, em Marvila, entre os vencedores dos torneios da época passada e da presente, o Belenenses venceu «Os Treze» por 6-2, com 4-2 ao intervalo, resultado que premeia a equipa que melhor jogou mas traduz exageradamente a superioridade demonstrada.

O encontro teve escassa beleza, porque os componentes de ambas as equipas teimaram em bater a bola no solo, encontrando-se o campo enlameado e impróprio para tal sistema de jogo.

O Belenenses, que recolheu a maioria dos bons jogadores deixados livres pela desistência de actividade do Desportivo «Cufa», estreou na sua equipa, António Pereira e Macara; o clube dispõe agora de um núcleo de elementos valiosos e abundante e se tiver no futuro algumas dificuldades na formação do seu grupo de honra, será mais por excesso de valores do que por carência.

Desde já deve ser considerado favorito do campeonato regional, cujo início está marcado para o próximo domingo.

A Associação reúne hoje a sua assembleia geral para decidir a

inclusão do Glória na Primeira Divisão, visto ser o único que se inscreveu para o torneio da divisão imediata e não ser admissível condená-lo à inactividade durante a temporada.

Teremos, assim, reduzido a este o número de clubes praticantes da modalidade: Almada, Belenenses, Benfica, Glória, Oriental, Sporting e «Os Treze».

Não se pode reconhecer, ao cabo de quatorze anos de actividade, que sejam reais os progressos de expansão; no primeiro campeonato organizado em Lisboa, inscreveram-se oito colectividades. Não são evidentes as razões deste insucesso, pois ao jogo não faltam virtudes para se impor; veja-se o que sucede no Porto.

Acreditamos que o mal tenha raízes na falta de propagação junto do público, que determina a completa ausência de receitas, agravando os encargos relativamente pesados que acarreta a prática de andebol.

Seja este ou outro motivo, um facto fica incontroverso: o andebol lisboeta está em crise de quantidade. E não queremos, por enquanto, falar na qualidade.

José de Eça

## TÉNIS DE MESA

# Três jogadores do Benfica e dois do Sporting

### receberam o encargo de representar Portugal no Campeonato do Mundo

**V**ai efectuar-se em Londres, de 4 a 11 do próximo mês de Fevereiro, o Campeonato do Mundo de Ténis de Mesa.

Assegurado o auxílio financeiro à respectiva Federação — depois de despacho favorável da D. G. dos Desportos, Portugal lar-se-á a representar no certame máximo da modalidade, por uma equipa convenientemente preparada.

A fim de serem apurados os nossos representantes, a Federação organizou uma prova em «duas mãos», que foi disputada

nos primeiros dias da semana hinda. Dela saíram oito «pinguete-pingalistas» — Oliveira Ramos, Francisco Campas, Jálilo Costa e Carlos Galvão, do Benfica; Carlos Feio e Afonso Gago da Silva do Sporting; Joaquim Cardoso, do Belenenses e F. Costa, do Combatentes. A estes se juntaram os jogadores caldenses, Dr. Calheiros Viegas e José Perdigão, mais Mário Santos, do Benfica e Enrico Silva, do Sporting, os quais disputaram no sábado último a «poule» decisiva, para apuramento da equipa representativa de Portugal. Esta, embora a sua constituição não esteja comunicada oficialmente, será formada por três benfiquistas: Oliveira Ramos, Julio Costa e Francisco Campas e dois sportingistas: Carlos Feio e Gago da Silva.

O belenense Joaquim Cardoso, cuja actuação no recente Campeonato de Lisboa não deixou margem a dúvidas, quanto ao seu valor, via a sua candidatura comprometida na «poule» final, em noite decididamente infeliz, visto ser batido por Mário Santos I e Gago da Silva, dois jogadores que normalmente lhe não são nitidamente superiores.

Agardemos, agora, o comportamento dos nossos representantes, já que nada se pode anticipar, pela falta de contacto com equipas estrangeiras.



O grupo de juniores do Mirantense — a esperança do clube!

# O MIRANTENSE F. C.

### melhorou as suas instalações e procura dar realidade a uma série de projectos

**E** um clube de bairro, vivendo com entusiasmo o desejo legítimo de tornar mais amplo os seus desígnios de colectividade desportiva onde o carácter benéfico também encontra acolhimento. Tem sido sempre este o pensamento a orientar o Mirantense F. C. no decorrer dos seus 12 anos de existência.

Naquele modesto primeiro andar da Rua do Vale de Santo António viveu-se sempre uma obra clubista. Colectividade bairrista, nos Caminhos de Ferro, em todo o Monte Pedral, especialmente, popularizou-se, mais ainda, quando lançou a iniciativa da prova anual de ciclismo. — a subida da rampa do Vale de Santo António.

O futebol ajudou essa popularidade. O Mirantense na 3.ª Divisão e no campeonato de Juniores tem defendido com galhardia o seu nome. No ténis de mesa conquistou o campeonato da 2.ª Divisão, preparando-se para o jogo de passagem à divisão superior.

Os dirigentes não abrandaram nos seus desejos de melhor imporem o clube.

Numa destas últimas noites — acedendo gostosamente ao convite que havia sido feito à «Stadium» — subimos à sede do Mirantense.

Que transformação!  
Radiantes, os seus directores fizeram-nos percorrer todos os recantos. Daquele primeiro andar acanhado na sua construção antiga, surgiu uma sala ampla e clara onde se efectuarão sessões solenes, conferências, as festas do clube e onde também será o ginásio.

Depois, ainda no piso do 1.º andar, o bufete, sala de banho e vestiário. Sobre este andar, onde era um solão, escuro e bafiento, arranhou-se magnífico espaço para a sala da Direcção, posto médico e ainda um outro compartimento.

Tudo isto foi construído de novo. Levantou-se o soalho, escavaram-se paredes e, pouco a pouco, começou a ver-se o embelezamento, adornados os novos compartimentos com cores claras, que de noite serão banhados pela suave luz fluorescente.

O Mirantense é um clube simpático e os seus desejos de progresso foram bem compreendidos pelas entidades oficiais. A sua

ajuda veio permitir esta transformação. Os srs. ministro das Obras Públicas, director geral de Desportos, comandante Nuno de Brion, e o actual governador civil, dr. Mário Madeira, o presidente da Junta de Freguesia de Monte Pedral, António Flores Azevedo, formaram um conjunto de amizades à volta do clube.

— Os resultados deste melhoramento hão-de ser bons. Arrotámos com dificuldades, criámos responsabilidades, mas o Mirantense há-de saber corresponder a este movimento de simpatia — dizem-nos os seus directores, grupo dedicado de homens que tem sido incansáveis obreiros desta transformação: Raimundo Prieto, António Martins Pereira, João Pedro Santos, Armindo Silva Rocha, João Conceição Lourenço, Augusto Horta — o sócio n.º 1 — e Henrique Fernandes.

— Inauguradas as instalações — diz-nos Raimundo Prieto — os nossos pensamentos voltar-se-ão para outros projectos. Montar na sala a aparelhagem de ginástica que permite pôr a funcionar uma classe de filhos do bairro, uma escola primária, alargar a secção de beneficência e tentarmos a posse de um campo atlético. Se o conseguíssemos era um grande impulso para a nossa actividade.

Esta remodelação das suas instalações, que serão festivamente inauguradas no próximo domingo, e a boa vontade, dedicação e entusiasmo dos dirigentes hão-de por certo levar a um nível de maior importância, clubista e desportivo, o simpático e bairrista Mirantense Futebol Clube.

## ADEGA TIPICA da LUCILIA DO CARMO

ALMOÇOS E JANTARES (cósinha caseira)

BOM SERVIÇO DE BAR

R. da Barroca, 54-56  
Telefone 2 9387

O restaurante que os desportistas preferem!

Ano VI — II Série — N.º 267  
Lisboa, 14 de Janeiro de 1945

## Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Redacção e Administração  
RUA DA ROSA, 25A - 1.º  
Telefone 31187 — LISBOA

Director e Editor:  
DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção:  
TAVARES DA SILVA

Propriedade da  
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

NEOGRAVURA, LIMITADA  
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Stadium

Travassos marcou o penalty que transformou no único golo do Sporting. Rogério ainda tocou na bola, mas o pontapé era muito forte!



Fotos A. FERRARI e NUNES DE ALMEIDA



O árbitro não concedeu golo! Mas há quem mantenha a opinião de que esta recarga de Melão, na 2.ª pos., foi defendida dentro das balizas... A linha dos «backs» batida e ultrapassada

**BENFIC**  
**VENCEU**  
**SPORTING**  
*fazendo melhor*  
**futebol**

Uma defesa do guarda-redes protegido por todos os lados — apesar dos propósitos do adversário!



Moreira e Berrosa seguem com interesse e ansiedade o que está a passar-se no rectângulo do jogo...



Azevedo arranca a bola de cima da cabeça de Moreira, tendo este ao lado Vitor Baptista



O extremo, Vitor Baptista, deu um pulo magnífico, mas o punho de Azevedo chegou primeiro à bola!



Corona recebeu uma passagem de mestre, dominou a bola, correu um pouco, acertou o passo, e despediu o remate que bateu Azevedo (3.º golo), fazendo tudo isto sem aparecer um adversário!

A defesa do Sporting, não tendo jogado bem, trabalhou intensamente. Ei-los em acção!

# Comentários

## A Casa do Desporto

Foi em 1946, por ocasião da nossa última visita a Madrid, que nos foi indicado o vasto terreno — cerca de 8.000 metros quadrados — que a Delegação Nacional de Desportos adquirira numa avenida cerca da Castellana, para ali construir as suas instalações.

Noticiam agora os jornais espanhóis que está concluído o projecto das construções, que hão-de formar a Casa do Desporto, futuro albergue da entidade superior e de todas as federações nacionais.

O edifício principal custará cinco milhões de pesetas e terá sete andares, dos quais o primeiro reservado na íntegra à Delegação Nacional; o número de salas previsto é de cerca de cento e cincoenta, a dividir pelas quarenta e tantas federações, conforme a sua expansão. O futebol, por ser o de maior importância, ocupará uma dúzia delas.

Formando com esta edificação ângulo recto, num conjunto em forma de L, levantar-se-á um amplo ginásio — o melhor da Europa, anunciam sem hesitação os autores do projecto; custará mais dois milhões e meio de pesetas e terá capacidade para trabalho de classes de cem ginastas ou para competições de boxe, ténis, óquei em palins, basquetebol, etc.

No rectângulo restante do terreno, aquele que fica abrangido pelo ângulo das duas edificações, instalar-se-á um outro campo para desportos ao ar livre.

Eis uma realização que provoca verdadeiramente uma apreensão sonhadora a todos os dirigentes portugueses, a esses tantos que se confinam em instalações deficientes e impróprias, sem recursos para mais ou melhor.

A Casa do Desporto é, também, uma instantânea necessidade nacional, para cuja existência — embora em moldes restritos — se fizeram já algumas tentativas infelizes, mas que bem merecia um esforço decisivo de iniciativa oficial, já que oficial e de responsabilidade superior do Estado é hoje a organização da hierarquia desportiva.

## Preparação moral

A classe física, a consciência técnica, a forma individual apurada ou o perfeito entendimento colectivo, não bastam por vezes para assegurar numa competição desportiva o melhor rendimento de uma equipa.

Existe paralelamente um factor psicológico da maior importância, susceptível também

de afeiçoamento por meio de influências exteriores, que será erro grave omitir ou falso critério perturbar.

O atleta preparado para qualquer competição de pesada responsabilidade, carece de ser encaminhado para a posse da plena confiança em si próprio, para o desenvolvimento em seu espírito de uma ideologia dominante; uma e outras apoiadas no estímulo da opinião pública, manifestada por críticas sempre construtivas, que apontem deficiências e desvios, mas colaborem, dentro dos objectivos da sua missão nobre, numa obra que deixa de ser destes ou daqueles, para ser — pelo seu simbolismo — nacional.

A preparação moral duma equipa desportiva, embora directamente exercida pelos imediatos responsáveis, é uma tarefa genérica a qual ninguém pode negar melindrosas consequências.

Fazer de um agrupado uma equipa, não é às vezes coisa fácil; e vale mais uma sólida equipa, com espírito de unidade, com fé comum e altruista, do que o agrupado de umas tantas individualidades independentes — embora superiores cada uma por si, — sem confiança nos chefes, sem confiança nos camaradas, sem confiança no objectivo que as reuniu.

A pontade demone montanhas; no caso em questão a vontade é colectiva e só germina em espíritos insistentemente preparados por uma acção de cataquese moral.

## Os melhores resultados portugueses em provas de estafeta

4 x 800 metros: 8 m. 22,3 s., Sporting (Canhão, H. Bastos, Jacinto, F. Bastos), 17-8-46; 8 m. 28 s., Sporting (A. Afonso, Azevedo, Calado, F. Bastos), 16-8-42; 8 m. 28,5 s., Sporting (H. Bastos, Jacinto, Vicente, F. Bastos), 8-7-45; 8 m. 39,5 s., Sporting (Anibal, Silveira, Calado, F. Bastos), 11-7-37; 8 m. 32,3 s., Sporting (Castelo Branco, Pena, Jacinto, Canhão), 20-7-47.

4 x 1.500 metros: 17 m. 35,6 s., Benfica (Freitas, M. Soares, Adriano Gomes, J. Araújo), 27-7-47; 17 m. 36,6 s., Benfica (Miranda, Armando, Ag. Brito, Pires de Almeida), 3-8-41; 17 m. 40 s., Sporting (Nogueira, Gaspar, Azevedo, F. Bastos), 16-8-42; 17 m. 42,8 s., Sporting (J. Conde, Filipe Luis, Afonso Marques, Castelo Branco), 27-7-47; 17 m. 47,2 s., Belenenses (J. Correia, Nogueira, A. Pinho, Matos Henriques), 24-7-38.

Estafeta Sueca: 2 m. 4,2 s., Benfica (M. Fernandes, Meireles, Eleutério, Paquete), 23-9-45; 2 m. 4,8 s., Benfica (M. Fernandes, Eleutério, Raposo, Paquete), 8-8-45; 2 m. 5,3 s., Sporting (F. Bastos, A. Dias, Jacinto, Nuncio), 8-8-45; 2 m. 5,6 s., Sporting (Vicente, Jacinto, A. Dias, Lourenço), 23-9-45; 2 m. 7,3 s., Sporting (A. Dias, Jacinto, Nuncio, Lourenço), 11-7-45.

Estafeta Olímpica: 3 m. 31,8 s., Sporting (F. Bastos, Jacinto, Nuncio, Lourenço), 12-8-45; 3 m. 33,5 s., Benfica (Adriano, Matos Fernandes, Eleutério, Paquete), 17-8-47; 3 m. 34,6 s., Benfica (M. Fernandes, Eleutério, Raposo, Paquete), 12-8-45; 3 m. 35 s., Sporting (F. Bastos, A. Dias, Nuncio, Abrunhos), 27-5-45; 3 m. 39 s., Sporting (Azevedo, Jacinto, Evaristo, Lourenço), 19-7-42.

## Os actuais recordes do Mundo

100 metros: J. Owens (1936) e H. Davis (1941), ambos dos Estados Unidos, 10,2 s.

200 metros: J. Owens (1935), 20,3 s.

400 metros: Harbig (Alem., em 1939) e Klemmer (E. U., em 1941), 46 s.

800 metros: Harbig (1939), 1 m. 46,6 s.

1.000 metros: Gustafsson (Suécia, em 1946), 2 m. 21,4 s.

1.500 metros em 3 m. 43 s., 2.000 metros em 5 m. 11,8 s., 3.000 metros em 8 m. 1,2 s. e 5.000 metros em 13 m. 58,2 s., todos pelo sueco G. Haegg, em 1942.

10.000 metros: T. Maki (Finl., em 1939), 29 m. 52,6 s.

4 x 100 metros: Estados Unidos (Owens, Metcalfe, Draper, Wykoff), 39,8 s. em 1936.

4 x 200 metros: Estados Unidos (Knenbuhl, Eisermann, Malot,

Weiershanser), 1 m. 25 s. em 1937.

4 x 400 metros: Estados Unidos (Fuqua, Ablowich, Warner, Carr), 4 m. 8,2 s. em 1932.

4 x 800 metros: Suécia, 7 m. 28 s. em 1936.

4 x 1.500 metros: Suécia (Strand, Bergstrom, Bergkvist, Erikson), 15 m. 34,6 s. em 1947.

110 metros-barreiras: Towns, em 1936 e Wolcott em 1941, ambos americanos, 13,7 s.

200 metros-barreiras: Wolcott, 22,3 s. em 1940.

400 metros-barreiras: G. Hardin (E. U.), 50,6 s. em 1934.

Salto em altura: L. Steers (E. U.), 2,11 m em 1941.

Salto em comprimento: J. Owens (E. U.), 8,13 m em 1935.

Tripla salto: N. Tajima (Japão), 16 m em 1936.

Salto com vara: C. Warmerdam (E. U.), 4,77 m em 1932.

Lançamento do peso: J. Torrance (E. U.), 17,40 m em 1934.

Lançamento do disco: Filch (E. U.), 54,96 m em 1946.

Lançamento do dardo: Nikkanen (Finl.), 78,70 m em 1938.

Lançamento do martelo: E. Blask (Alem.), 59 m em 1938.

Decatlo: G. Morris (E. U.), 7.900 p. em 1936.

## Recordes da Europa de Atletismo

Nesta lista são apenas indicadas as marcas que não figuravam na anterior tabela dos recordes do Mundo.

100 metros: G. Berger (Hol.), L. Strandberg (Suécia), Neckerman e Jonath (Alem.), 10,3 s.

200 metros: H. Koerning (Alemanha), 20,9 s.

4 x 100 metros: Alemanha (Borchmeyer, Hornberger, Neckerman, Cheuring), 70,1 s.

4 x 400 metros: Inglaterra (Wolff, Rampling, Roberts, Brown), 3 m. 9 s.

Salto em altura: Koikas (Finl.), 2,10 m.

Salto em comprimento: L. Long (Alem.), 7,90 m.

Tripla salto: V. Tunhos (Finl.), 15,48 m.

Salto com vara: C. Hoff (Nor.), 4,25 m.

Lançamento do peso: H. Woelke (Alem.), 16,60 m.

Lançamento do disco: A. Consolini (It.), 54,23 m.

Decatlo: H. Sievert (Alem.), 7.824 pontos.

S. C.

## FAMALCA

Farinha com extracto de malte e sais de cálcio (isenta de leite)

Mesmo em verdadeiros estados mórbidos do aparelho digestivo a farinha Femelca produz magníficos resultados.

A farinha Femelca é amilacea e maltosada e com seus orgânicos de cálcio e um poder nutritivo de 385 calorías por 100 gramas.

A classe médica aconselha a Femelca, por ser um produto indispensável às crianças e convalescentes

Um produto da Secção Dietética da Fábrica de Chocolates Favorita

# **António Araujo**

**(DO F. C. PORTO)**



*Nasceu em Madalena (Paredes), a 28 de Setembro de 1923. De 1940 a 42 alinhou no clube local, o União Sport Clube de Paredes, transferindo-se depois para o F. C. do Porto. Interior-direito de verdadeira classe, também faz o lugar de interior-esquerdo. 8 vezes internacional.*

# **Daniel Duarte da Silva**

**(DO SPORTING DE BRAGA)**



*Nasceu em Alvarenga (Arouca), a 9 de Outubro de 1918. Já alinhou em 3 clubes: de 1935 a 38 no Marvilense, de 1938 a 44 no Sporting, e daí em diante no Sporting de Braga. Médio de ataque, conhece também outros lugares da linha avançada. Jogador de classe.*

# Guilherme Martins em má forma

## deixou fugir o título dos "meio-médios"

Os pugilistas, como sucede a tanta coisa deste mundo, têm os seus «altos» e «baixos». São raros aqueles, por exemplo, que sabem manter-se a um nível quase perfeito de capacidade física e para os quais duas semanas de treino aturado são bastantes para alcançarem boa «forma».

Uma vida exemplar, regrada e higiénica, constitui o alicerce indispensável desse desiderato mas as tentações abundam e enleiam o ânimo dos pugilistas. Talvez isso possa explicar, simultaneamente quer a derrota de Guilherme Martins, quer a vitória de Jorge Larsen, na madrugada de sábado passado.

O pretendente ao título dos meios-médios pode figurar como um modelo, de baixo do ponto de vista que acima se expôs. O antigo campeão, sem merecer reparos justos por um procedimento desregrado, parece-nos menos estóico e mais epicurista do que seria razoável. Daí o desfecho do combate, durante o qual falharam a Guilherme Martins os recursos físicos e sobram a Jorge Larsen as reservas de energia que bem soube conservar.

A fisionomia do match traduzia, amplamente, não o mérito do jogador moçambicano, antes o abaixamento de Martins, cuja lentidão de movimentos e de qualidades reflexas tornou o combate propício ao actual vencedor. Durante os dois assaltos iniciais o jogador barcelense atacou como um campeão que se presa e obteve domínio. Larsen, bem guardado atrás das lavas, esperava a sua hora, conseguindo no limiar do terceiro assalto um bom jabe em «contra» que atingia Guilherme no sobrolho esquerdo.

Este dístico prodigalizou-se em ataques cujas intensões eram visíveis em demasia. Sem lutas prévias nem manobras de pernas, o campeão esforçava-se por meter o punho direito no queixo do moçambicano e abria a guarda aos golpes de devoção. Deste modo, perdeu Martins o 3.º e 4.º rounds mas no quinto Larsen tentou batizhar e logo se arrependeu. Um uppercut, seguido logo por outros, sacandiram Larsen e até ao fim do assalto os dois jo-

gadores bateram-se com lária e com vantagem para o barcelense.

A evidente falta de fôlego, que uma respiração elegante denunciava, acentou-se nos rounds imediatos e Martins concluiu o combate sem energia mas com brio e dignidade.

A vitória por pontos do jogador de Moçambique e com ela o título dos «meio-médios» premiou o caudado com que se preparou para a deslorta. No entanto, e sem querer tirar-lhe o mérito indiscutível, frato do abaixamento de «forma» do precedente campeão que sabia ao ringue longe da antiga e rutilante mocidade que todos lhe conheceram.

Onde estava o antigo rival de Valdés e de Janito Martin na noite de sexta-feira? Oxalá bem depressa se comprometer que precisa cuidar da sua preparação, a lardo e a sério.

\*\*\*

Acerca dos demais encontros do programa alguma coisa teríamos a declarar em termos rebarbativos. Primeiramente, a diferença de pesos entre Claudio Correia e Cruz Passos, demasiado, tornando o combate desequilibrado e anti-regulamentar. O fraco desenvolvimento muscular de Correia não lhe permite combater adversários muito mais pesados sem perigo da sua integridade.

Venceu Passos, por pontos, em 8 rounds, mas não forçou o andamento conforme podia.

Valente Rocha pôs fora do combate Patricio Alvarez, com um sóco imaginário e invisível. Rocha, que é indiscutivelmente um jogador hábil e com estilo, domina sem dificuldade o adversário até que o incidente do 3.º round se produzia.

Testillanos, campeão espanhol, brinca com Manuel de Sousa e poupa-o com generosidade demasiada. Que diacho, para fazer um treino não valia a pena vir de tão longe, até Portugal. A cena do dístico acto — ou round — fingindo-se daramente tocado na careca, pode ter tido efeito na «galeria», mas não nos comoveu. Preferimos o teatro sério ao petit guignol...

Rafael Barradas

# 1 2 CLUBES

## na «Taça de Honra — 1947»

Começou anteontem a disputar-se a última competição oficial da época de 1947: a «Taça de Honra» — que, como habitualmente sucede, é uma prova atrasada... Mas agora com justificados motivos, porque a temporada foi carregadíssima, não só devido aos campeonatos da Europa e do Mundo e ao torneio internacional de Montreux, quase tornado competição obrigatória pré-campeonatos europeus e mundiais (mas, por enquanto, só da Europa...), como também por múltiplas organizações de carácter particular e oficial. Quer isto dizer: o óquei em patins entrou numa fase tal de desenvolvimento, propaganda e acção, que para arrumar a casa não pode haver interrupções — e a sequência tem de ser constante para haver boas consequências!

Esta prova, que embora em atraso aparece frequentemente com a qualidade de «primeira de Ano Novo», tem efeitos salutares, e serve, principalmente, de preparação para o campeonato regional. Nem todos os clubes assim o compreendem, porém, pois que — e isto é anormal por hábito! — não concorrem à prova todas as colectividades praticantes! Como decerto sucederia se se tratasse de campeonato... Enfim, são agora 12, e o número, mesmo assim, não é para desprezar — porque estão presentes... quase todos; apenas faltando o Ateneu. E os outros que tanto têm «prometidos a sua adesão»? Não podiam vir nesta altura — ao menos para tomar contacto e marcar presença? O regresso do Sporting, por exemplo, seria bem recebido, tal como as estreias do Cuf barcelense, do Almada e de outros, cuja promessa de interesse somente por enquanto constitui um prometimento...

Seja, porém, como for, certo é que o óquei em patins não tem quebra de actividade, demonstrando, aliás, uma acção permanente e construtiva. Ainda bem. A modalidade tem créditos firmados no campo internacional — e um nome

grande a defender nos próximos campeonatos de Montreux. Não se esqueça essa «obrigação». Com o que muito nos congratulamos. Para bem do óquei, em especial, e do desporto lusitano na generalidade.

Na prova, como se diz acima, participam doze equipas: todas as da 1.ª divisão e quatro da 2.ª. Apenas uma falta... As jornadas desenrolar-se-ão, todas elas, no Pavilhão dos Desportos. É mais um serviço que o Município de Lisboa presta ao óquei — e dos mais estimáveis nesta altura. Os concorrentes foram divididos em duas séries... para abreviar! E os vencedores de cada uma disputarão a final. Se o sistema é condenável, e talvez o seja, porque se não dão possibilidades iguais a todos — quem garante que uma série não é mais «forte» do que a outra?! — pode ser que resulte; mas não é de boa propaganda, especialmente por se tratar de um torneio em que os pontos contam; e equipa que hoje perde, pode, certamente, ganhar amanhã, noutras circunstâncias e noutra disposição de momento do espírito dos jogadores. As reuniões celebram-se às 2.ªs e 6.ªs feiras, sempre com quatro jogos de meia-hora, cada um, mas a última comporta três desafios. Anteontem defrontaram-se: Sp. Oeiras-Lisgás, Cascais-Campo de Ourique, Paço de Arcos-Óquei C. P. e Óquei de Sintra-Naval Setubalense. Depois de amanhã: Académica da Amadora-Benfica, Cascais-Naval Setubalense, Paço de Arcos-Sp. Oeiras e Futebol Benfica-Parrede.

Para fecho, assinalem-se os vencedores da Taça de Honra, competição esta que tem a sua 13.ª edição. Foram eles: Futebol Benfica, em 1935 (no primeiro ano), 1940 e 42; Benfica, em 1936 e 38; Sporting, em 1937 e 39; Paço de Arcos, em 1941, 43, 44 e 46; e Óquei de Sintra, em 1945. Quem vencerá este ano?!

Jorge Monteiro

## EXEMPLARES ATRASADOS

Cada exemplar da II série passa a custar:

Do n.º 1 ao n.º 108..... Esc. 5\$00

» n.º 109 ao n.º 212..... » 3\$50

Todos os restantes — preço da capa

Stadium

**ARCADIA** O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

AOS DOMINGOS, CHÁ-DANÇANTE  
das 17,30 às 20 com todas as atracções

Em pleno triunfo: os príncipes Mercedes Leon e Albano Zuñiga do baile espanhol

a estrela do baile MINERVA, Carmelita del Rio e outras atracções

Musica constante pelas orquestras  
**CELIA y sus DUKES e ARCADIA**  
AMANHÃ, — BAILE DE MÁSCARAS

Abertura às 22 horas — 1.ª Parte de Variedades às 24,15 horas

## GUIMARÃES-PORTO



1 — Teixeira remata com força, mas Barrigana defenderá com brilho. 2 — Uma defesa de Barrigana, em situação de aperto criada pelo adversário



### CORTA-MATO DOS SETE

*Benfica e Sporting discutem também, no campo do atletismo, a velha questão da superioridade.*

*Neste corta-mato, Alvaro Conde (Sporting) e Manuel Gonçalves (Benfica) caminharam a par até o fim da meta, ganhando o primeiro num arranco supremo. O Benfica venceu por equipas.*

### A ALEGRIA e a EMOÇÃO DUM BELO TRIUNFO!



Acabou o desafio do Estádio Alvalade! Os jogadores saíram do rectângulo, exaustos, mas contentes e satisfeitos. Rogério abraça, cheio de alegria, o treinador Lippo Hertzka.



### A FESTA DE "A PRIMOROSA"



Realizou-se no passado domingo a festa anual de confraternização de «A Primorosa», que reuniu os seus proprietários, sr. Afonso de Macedo e José Pereira, seus filhos, todo o pessoal da firma e vários amigos da casa e dos seus dirigentes. Presidiu ao almoço o importante lavrador, sr. João Jorge da Silva. A festa teve um elevado cunho de solidariedade social e caracterizou-se pela sã e boa harmonia que liga todos os que colaboram na excelente obra comercial e industrial de «A Primorosa». Aos brindes falaram os sr. José Pereira, dr. Oliveira Duarte, Trigo, Manuel de Carvalho, Afonso de Macedo, Tavares da Silva, e João Jorge da Silva. Os empregados, numa lembrança tocante e sensibilizadora, ofereceram retratos dos netinhos dos proprietários de «A Primorosa» aos sr. José Pereira e Afonso de Macedo.



**PNEUS  
E  
CÂMARAS DE AR**

# MABOR

Produção da

**MANUFATURA NACIONAL  
DE BORRACHA**





As pequenas admiradoras do Sporting e de João Cruz oferecem-lhe um ramo de flores

# A despedida de JOÃO CRUZ

sabor amargo para quem gostava tanto do futebol, para quem se dedicou entusiasticamente ao clube.

O excelente extremo-esquerdo «internacional», talvez o melhor de todos os tempos, pelo menos para muitos, organizou um programa «forte»: 4 equipas de cartol, (Belenenses-Atlético e Sporting-Benfica), e o público mais amigo não quis deixar de comparecer. Dos resultados dos jogos, claro, não deve falar-se especialmente. O facto do Belenenses ganhar ao Atlético por 5-4 e o Sporting ao Benfica por 4-1, não põe nem tira qualidades especiais nas equipas participantes.

Como vulgarmente acontece, os grupos fazem um treino, e nunca como no Dia de Reis isso acontecia. Bem — mas não falemos em futebol. Digamos que João Cruz, o homem nascido no Vitória de Setúbal e «internacional» indiscutível no Sporting, recebia na despedida jastias con-

decorações da Associação de Futebol de Lisboa e Federação Portuguesa.

O Sporting teve lugar aparte. Ofereceu um envelope a João Cruz, e os abraços do dr. Ribeiro Ferreira, revelaram que os «leões» praticantes e sócios sentiam o afastamento definitivo de jogador tão categorizado.

Fica relatado o acontecimento, nos seus traços gerais. Insistir em que o valoroso «internacional» português deveria merecer outra festa mais distinta, não basta a ideia de que os melho-

res clubes lhe prestaram uma colaboração amigã e muito simpática. E todos os jogadores. Embora as equipas não estivessem completas a partir de certa altura, não deixaram os antigos colegas e adversários de lhe dar abraços leais e sinceros.

João Cruz era bem digno de homenagem espontânea! Essa indiscutivelmente. Agora — que seja feliz. João Cruz parte brevemente para África. Os adeptos do jogo despediram-se de um extremo-esquerdo de grande categoria.

JOÃO CRUZ, quando recebia um ramo de flores das mãos de duas gentis crianças, — estava emocionado. Viam-se-lhe lágrimas nos olhos.

Porque a sua festa tivesse aquele cenário igual à de muitos outros? E' que não teve. Por uma questão de data, talvez, João Cruz não foi inteiramente feliz...

No entanto, a hora da retirada é sempre sentida. Na frente de muito ou de pouco público, o jogador passa rapidamente em revista o seu passado, as horas de triunfo e de tristeza — e ouve os últimos aplausos. A hora tem



João de Cruz, na sua festa de despedida, recebe um abraço forte de amizade do capitão do Benfica, Francisco Ferreira



João de Cruz, à frente dos seus companheiros, alinha pela última vez no grupo de honra do Sporting, onde foi um elemento de relevo

## COMPANHIA COLONIAL

## DE NAVEGAÇÃO

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a África Portuguesa e Brasil

e de carga para a América do Norte



# NOTAS À MARGEM

## do Campeonato Mundial de Oquei

### X — Os que não vieram...

SÃO em número de treze os organismos federativos nacionais filiados na Federação Internationale de Patinage à Roulettes: South African Ice Skating Association (África do Sul), United States Amateurs Roller Skating Association (América), Federación Argentina de Patin (Argentina), The Australian National Skating Association (Austrália), Fédération des Sociétés Belges de Patinage à Roulettes (Bélgica), Amatear Skating Association of Canada (Canadá), Real Federación Española de Hockey (Espanha), Fédération Française de Patinage à Roulettes (França), The National Roller Hockey Association (Inglaterra), Federazione Italiana Hockey & Pattinaggio (Itália), The Zealand Roller Skating Association (Nova Zelândia), Federação Portuguesa de Patinagem (Portugal) e Fédération Suisse de Patinage à Roulettes (Suíça).

Note-se que em dois países — Canadá e Estados Unidos — está inscrita a federação dos amadores; porque também lá há profissionais do oquei... sobre o gelo! E os britânicos têm dois organismos filiados: o aludido acima e animado The National Skating Association of Great Britain (para corridas e patinagem artística). Mas de todos aqueles 13 países apenas sete participaram no torneio disputado no Pavilhão dos Desportos.

Faltaram, por conseguinte, aliás como sempre, visto nunca terem tomado parte nos campeonatos, África do Sul, América, Argentina, Austrália, Canadá e Nova Zelândia. Esperava-se, contudo, que uma ou outra equipa viesse até Lisboa — para disputar o campeonato do Mundo. Tal não se verificou, todavia, pelo que novamente voltaram a estar apenas presentes tarmas europeias. Quere dizer: o torneio mundial do oquei em patins, mais uma vez consistiu a repetição do campeonato da Europa...

Simplesmente quatro países (Bélgica, França, Inglaterra e Suíça) disputaram todas as competições: 15. A Itália faltou duas vezes, em 1930, ano da estreia de Portugal, em 1932. Portugal tomou parte em oito torneios (não estando presente em 1934) e a Espanha foi estreante neste ano. Resta referir a Alemanha — que sempre concorreu até 1939.

Os germânicos, abalados e vencidos, numa guerra longa, não tinham, com efeito, possibilidades de organização de equipa — nem talvez lhes fosse consentida a participação no torneio, pois, em matéria de desporto, parece que tão cedo não voltarão a figurar em competições internacionais. No que res-

peito ao oquei em patins, os alemães tiveram, porém, papel de importância — e como foram os únicos assentes dos habituais, vamos relatar em pormenor a sua acção nos doze campeonatos anteriores.

A equipa da Alemanha — que deve ter tido em Walker o seu elemento mais preponderante — estreou-se contra a Bélgica, em Herne-Bey, no ano de 1926. Ganhou por 4-1. Depois empatou com a França (2-2), perdeu com a Inglaterra (2-9), igualou com a Suíça (1-1) e venceu a Itália (6-1). Classificou-se em 3.º lugar: com 2 vitórias, 2 empates, 1 derrota e 15 14. No ano seguinte, em Montreux, os alemães desceram um posto (4.º), tendo ganho novamente à Bélgica (4-0) e à Itália (9-0) e perdido com a França (3-6) Inglaterra (2-5) e Suíça (2-4). Mas voltaram a ter marcação de golos favorável: 20-15. Para tal contribuíram os 13-0 das duas únicas vitórias.

Vêlo 1928, outra vez em Herne-Bey, com repetição de um lugar de honra (3.º) mas marcação desfavorável: 9-18. Resultados parciais: Bélgica, 2-0; França, 0-5; Inglaterra, 1-8; Itália, 4-3; Suíça, 2-2. Novamente, portanto, belgas e italianos derrotados por alemães. Em Montreux (1929) a Alemanha classificou-se em 4.º lugar (2 vitórias, 1 empate, 1 derrota, 17-22) de

parçaria com a França. Neste torneio, os germânicos perderam pela primeira vez com a Itália, por 4-5, mas voltaram a ganhar à Bélgica e à França — a ambos por 4-3; claro que continuaram a ser derrotados pelos ingleses (1-7).

O ano de 1930 (em Herne-Bey) foi o da estreia de Portugal — que perdeu com a Alemanha por 0-5. E os alemães (3.º lugar com 2 vitórias, 2 empates, 1 derrota, 11-5) triunfaram pela primeira vez da Suíça (3-0) e consentiram o primeiro empate aos belgas: sem golos. No ano imediato — em Montreux: 5.º lugar entre sete concorrentes, pela primeira vez, ou sejam todos as nações da Europa então praticantes do oquei!

Dois triunfos somente: Portugal (5-3) e Bélgica (7-2). E a maior derrota pela Inglaterra: 1-10. Golos: 17-30.

As competições de 1932 e 1934 — disputadas em Herne-Bey — viram os alemães mais bem colocados: de ambas as vezes em 2.º lugar, mas no último ano de companhia com a Suíça. Os portugueses voltaram a perder (2-3) em 1932 — mas não estiveram presentes em 1934. Foi aquela a última derrota de Portugal perante a turma da Alemanha. Em 1936, em Estugarda, os germânicos não estiveram felizes: apenas ganharam à Bélgica (4-0)

e perderam pela primeira vez (1-2) com Portugal.

Foram penditimos classificações de parçaria com a França... E depois disso empoldeceu a estrela dos rquistas alemães — que nos três campeonatos seguintes (1937, 38 e 39) se classificaram, respectivamente, em 6.º, 5.º e 6.º lugar, tendo continuado a perder com Portugal, por 1-3 em 1937 e 38 e por 1-2 em 1939. Durante aqueles três últimos torneios em que tomou parte a Alemanha apenas pôde vencer quatro dos desolito deslitos disputados — França: 7-6 4-1 e 6-1 — e Suíça (4-1 em 1939) tendo empatado dois em 1938: Itália, 3-2; e Bélgica, 3-3.

No conjunto dos doze campeonatos de que participou, a equipa alemã obteve, contra os outros países, os resultados seguintes:

	J.	V.	E.	D.	Golos
Bélgica.....	12	8	2	2	42-18
França.....	12	6	3	3	43-42
Itália.....	10	4	1	5	37-28
Suíça.....	12	3	3	6	23-27
Portugal.....	7	3	—	4	17-15
Inglaterra.....	12	—	—	12	15-71
	65	24	9	32	177-201

Resta dizer que a Alemanha, em 1939, era a quarta nação classificada entre as cinco únicas concorrentes de sempre; a última era a Bélgica com 11 vitórias, 4 empates, 50 derrotas e 86 golos contra 268. A sua frente estavam a Inglaterra — até então contando 61 vitórias e 4 empates somente; sem derrota! — respectivamente, mais três e dois pontos apenas do que a Alemanha... De onde se infere, pelo exposto, que os que não vieram tinham formações fortes outora; e só nos três últimos torneios caíram realmente em desgraça.

Jorge Monteiro

A seguir: XI — *Trese torneios num relance.*

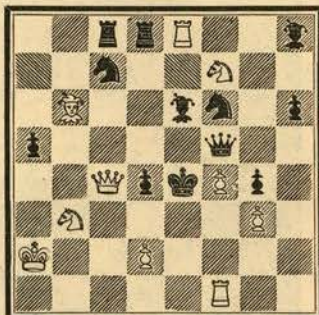
### INICIATIVAS DA «STADIUM»

## O "match" Luso-Espanhol em Problemas de Xadrez

### g) Os sextos classificados

#### Tema Portugal

VASCO C. SANTOS  
Lisboa

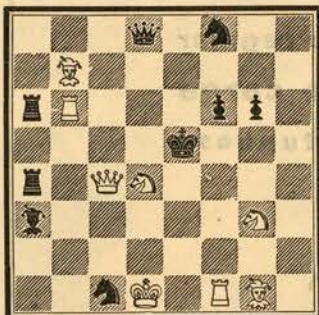


Mate em 2 lances

Classificação: Kipping; 11 pontos (2.º); Seilberger; 4 (9.º) = 15 pontos.

#### Tema Espanha

JUAN RUIZ LUQUE  
Jaén



Mate em 2 lances

Classificação: (6.º-8.º ex-aequo). Kipping; 8 (5.º); Seilberger; 4 (9.º) = 12 pontos.

Veredito do juiz C. S. Kipping: (Tema P. V. Santos. Sol. 1.Cxd4: «apresentação do tema

Herpay. Não há muita variedade e certamente a variante de despregagem de Dama é vulgar,

porém os câmbios de mate introduzidos pela chave nas duas principais variantes fazem este problema muito engenhoso». (Tema E. R. Laque, Sol. 1.Cf5): «Notável economia e um engenhoso câmbio de mate».

Comentários-extra de Vasco Santos

Dentro da tática plançada pelos problemistas portugueses, compuz um problema que reunisse um máximo de temas — ao tempo, muito em moda em Espanha e Estados Unidos. O tema Herpy, ideado por um compositor húngaro, que lhe deu o seu nome, é muito popular, e actualmente o seu interesse reside na combinação com outras ideias. Aqui, aparece combinado com 2 mates mudados (antes da chave; logo aparente: 1... Cc7-d5; 2.Dxd4. Resolvido o problema, este mate é impossível, e é substituído por: 1.Cc6! Se Cf6-d5; 2.Dc2! (antes da chave, o mate seria 2.Cc5). Em todas as variantes citadas, ocorrem duplas intercepções de linha negra, com mate único (ideia Herpy).

No problema espanhol, o câmbio de mate é excepcionalmente brilhante. Antes da chave, o mate temático é dama banda; feito o lance-chave, verifica-se doutro lado!

Uma fase animada junto das balizas do Estoril. Pereira e Eloi defendem-se, e Teixeira da Silva procura aproveitar-se da situação. Narciso, um pouco mais longe, aguarda...

GRANDE  
TRIUNFO  
DO  
*Estoril*  
●  
VITÓRIA  
EXPRESSIVA  
DO  
*Atlético*

Fotos MANIQUE



Bravo e Raul Silva desenvolvem um ataque, mas não conseguiram o remate!



Teixeira da Silva vai rematar, e Latanjeiro saiu-lhe ao caminho



Vieirinha e Lourenço, numa perigosa ofensiva, que por certo há-de embaraçar Feliciano. Já para trás, vêm-se Figueiredo e Amato



Gregório procura futar por entre a defesa da Académica, devendo anotar-se a valentia do guarda-redes

Recolhendo um centro de Martinho, Vital executa primorosamente, de cabeça, o quarto golo do Atlético, passando a bola por cima de Tito



# na capital do NORTE

## MOSAICOS nortenhos...

### DESANIMAR NÃO VALE...

Tanto o Porto, como o Boavista, não têm sido felizes no campeonato nacional de futebol. Algumas derrotas seguidas tem desanimado os adeptos. Porém, salvo melhor opinião, esse desânimo não se justifica e nem deve existir.

Um e outro podem e devem reagir fortemente contra a desgraça, acertando as agulhas de modo que possa aparecer, mais tarde ou mais cedo, o efeito do seu trabalho e da sua presença de espírito.

### COISAS QUE NÃO SE JUSTIFICAM

Em verdade, pode não se justificar uma reviravolta profunda — quando certo grupo ganha por 2-0. Muitas vezes, o jogador convence-se de que já não perde, por ter duas bolas de vantagem — e esse convencimento é fatal!

De repente — tudo pode modificar-se. Um grão de areia chega para cegar uma equipa. No entanto, devem os responsáveis, já não diremos os jogadores, fazer ver com o máximo cuidado que «estas pequeninas coisas» devem ser observadas com o máximo cuidado...

### TEREMOS OU NÃO O NORTE-SUL?

Anunciou-se, primeiro, como benefício das famílias dos naufragos dos últimos temporais do Norte. Depois — tudo esqueceu, para se falar agora do jogo. Julgamos, entretanto, que a receita reverterá em favor dos cofres federativos.

O jogo, em verdade, pode agradar aos desportistas. O Norte, actualmente, pode formar uma boa equipa — se os seleccionadores se não derem a fantasias despropositadas.

Vamos a ver. Por agora — aguarda-se que o Norte-Sul seja um facto.

### OS DO PORTO QUEREM VER APENAS...

Podemos garantir que os jogadores do Porto, chamados a treino, desajariam apenas ver o jogo em Chamartin, no dia 21 de Março próximo.

E não só os jogadores: — os próprios desportistas desta cidade. Não estão interessados na inclusão deste ou daquele na equipa — e talvez seja oportuno fazer-lhes a vontade. Não pedem muito, não é verdade?

## E' preciso estudar os adversários...

**A** GITA-SE de novo a inferioridade, certa e infalível?, do grupo «sportistas». Nós acreditamos nela, pelo menos em parte. Mas também acreditamos, em luta contra todas as opiniões, nas possibilidades do F. C. do Porto, mesmo contando apenas com os jogadores da actualidade.

Parece-nos, entretanto, estar o defeito na escolha da equipa, embora se não deva desfazer na admirável categoria do treinador Eladio Vascheto. Mas o técnico argentino conhece ainda mal o futebol português, e isso há-de influir, forçosamente, no seu espírito debedor mas mal preparado, por falta de contacto com o público de diversos centros e dos próprios adversários.

Deste modo, não nos custa dizer que as equipas do F. C. do Porto tem falhado um pouco, sem culpa de Vascheto. Explicando melhor: — em nossa opinião, colocar Correia Dias no posto de avançado-centro, quando tem pela frente um defesa «lipo» Feliciano, é erro. Há quem pense de outra maneira — bem sabemos.

Em verdade, um avançado-centro «fino» mas ágil, domina melhor um defesa áspero e rijo. Feliciano sente-se à vontade, muito à vontade, quando o avançado-centro é forte de carnes. Ganha indiscutivelmente na luta. Quando enfrenta o jogador-enguia, as dificuldades são maiores.

Vendo as coisas deste modo, — deverá tirar-se Correia Dias da equipa e preferir-se, por exemplo, o ligeiro Virgílio? Não é isso que desejamos afirmar. O que não custará é ver, antes de mais nada, como actua o adversário. Se uma equipa tem vários jogadores de igual categoria — pense-se também nas qualidades dos jogadores que actua no campo inimigo.

Nem Correia Dias nem outro qualquer devem melindrar-se com a preferência. O campeão da A. F. P. tem bons avançados. Nem só Araújo possui categoria, embora seja de longe o melhor. Sanjins, que tem sido mal conduzido, Freitas, Angelo, Ferreira e Virgílio, são novos e habilidosos. Devem ser colocados à margem?

Habitue-se também o público a perder os jogos de futebol. Uma equipa leva muito tempo a fazer, e se o F. C. Porto, agora mais focado, abandonar jogadores já conhecidos, como Galolino, Lourenço e outros (que ainda podem ser úteis), é fora de dúvida que os novatos hão-de sentir os efeitos de uma chamada intempestiva.

Claro que aconselhar serenidade e ponderação, aos torcedores — é escrever no valor. O público adepto deseja a vitória e mais nada. O «resto», para esse público, não conta...

Mas é assim mesmo. Ajudem-se os novos e escolham-se também as linhas de acordo com a categoria ou características do adversário. Neste aspecto, o treinador tem de ser auxiliado. Um ano mais e já Eladio Vascheto poder ser inteiramente útil!

## CURIOSIDADES...

Deve alterar-se, profundamente, a partir deste ano, o sistema de trabalhos seguidos numa agremiação muito importante. Essa alteração deverá beneficiar muitíssimo todas as relações entre o clube — e sócios e atletas.

♦♦ Os desportistas do Porto, apreciando serenamente as convocações feitas, continuam pesarosos e com o credo na boca...

♦♦ Nada está resolvido sobre o convite feito pelo Real Madrid ao F. C. do Porto. A equipa precisa de ganhar mais jogos para criar ambiente.

♦♦ Alfredo esteve próximo da internacionalização. Não viamos melhor na altura e hoje... onde estão os defesas direitos com mais categoria? Mas Alfredo não foi chamado a treinos. O que teria acontecido? Mistério.

Pela nossa parte — achamos bem. Deixem-nos em paz.

## MOSAICOS nortenhos...

### UM BRAVO AO ACADÉMICO!

Final — está tudo ao contrário! O Académico, com a sua equipa «reserva», faz agora os melhores resultados, arrancando, inclusivamente, um empate contra o F. C. de Famalicão!

Quem tal diria...

Em presença de tal façanha, merece o Académico entusiásticos cumprimentos. Este facto (empates com o Salgueiros e o Famalicão) merece assinalar-se. E merece, naturalmente, que os dirigentes do clube do Lima façam uma cuidadosa revisão na sua equipa.

O «gato» está em qualquer sítio...

### NOVAS ALTERAÇÕES

#### NO F. C. DO PORTO

Por força das circunstâncias (lesionamento de Araújo e de Angelo) o F. C. do Porto fez alterações na sua equipa. Dispensada, portanto, toda a ideia de alteração calculada.

Mas também se aceita, em diversos sectores, uma alteração naturalíssima. Isso dará lugar a um artigo especial. E' realmente de estudar o problema das alterações, em qualquer equipa, e só inteligentemente podem apreciar-se.

Desde já, não se pense que só por se perder um ou mais jogos há motivo para alterar a equipa. Tudo é relativo...

### VÁRIOS ASPECTOS

#### DA CRÍTICA?

Quando algumas equipas se deslocam para vários centros, achamos sempre um pladão às correspondências que relatam o jogo. A coisa passa-se sempre assim: — o grupo local domina, esmaça, joga melhor — mas perde... E o adversário não tem valor, não sabe nada de futebol, teve sorte — o diabo! — mas ganha...

Claro que um «team» que faz tudo bem mas não ganha, por certo se «perde» no que é mais difícil: — fazer pontos! O «team» que suporta o domínio, que suporta o ambiente contrário e tem tempo para conquistar a vitória — não vale nada? Os desafios ganham-se com golos dentro da baliza, meus senhores!

### OUTROS EXCESSOS...

Já temos lido, em resposta a interrogações: «sim senhor: fulano é o melhor jogador português no seu posto!»

Isto de afirmar, sem tirar nem pôr, que o jogador A é nitidamente superior ao jogador B, além de representar arrojo, é inconveniente. Com que direito se faz isso?

Final, passam uns jogos, veem-se mais umas coisas, e a psicose da «categoria» desaparece como o fumo! Mas «outros», aqueles que pretendem apoucar, nessas afirmações, ficam justamente magoados. Não seria melhor responder-se com um pouco mais de serenidade e sem... clubismo?

Em Inglaterra

Ao cabo de vinte e cinco jornadas o Arsenal mantém-se galhardamente na deanteira da classificação do Campeonato da Liga, com 6 pontos de vantagem sobre o Burnley e 8 acima do terceiro classificado, o Preston N. End.

Dois motivos concorrerão para aumentar o avanço pontual dos arsenalistas: o empate conseguido pelo Bolton W., último classificado na 1.ª Divisão, no desafio com o Burnley — arrancando a este um precioso ponto — e a justa embora delicada vitória do Arsenal sobre o agressivo Sheffield United (3-2).

Durante este desafio, efectuado no campo de Highbury, produziram-se dois factos bastante raros. A cinco minutos do apito final, estando os arsenalistas a ganhar por três a zero, os seus adversários conseguiram marcar duas bolas em tão curto espaço de tempo e falharam o terceiro ponto, do empate, por falta de sorte.

O outro acontecimento assaz raro, também, sucedeu a um jogador do Sheffield, de nome Forbes. No limiar da segunda parte foi retirado do terreno absolutamente groggy e voltou à liga semi-inconsciente. Desde então até final actuou como um semi-deus, sempre na mesma condição física, que perdurava ainda uma hora depois de concluído o match. O pobre Forbes nem sequer se recordava de ter voltado ao terreno!

O Manchester United e o Derby County, quarto e quinto classificados com igual pontuação, obtiveram dois excelentes triunfos. O primeiro ganhou por 2-1 ao Charlton, revelando uma autoridade e uma capacidade de execução de bom futebol, que o tornam verdadeiro favorito da Taça. Foi esta a sua 13.ª vitória consecutiva, facto muito categórico, como ameaça para os mais directos rivais.

O Derby, actuando num terreno cheio de lama, bateu copiosamente o Chelsea por 5-1. E os londrinos ficaram devendo ao seu guarda-redes, Medhurst, cuja actuação foi brilhantíssima e recebeu aplausos dos próprios adversários, não registar um score mais desfavorável.

Na 2.ª Divisão, confirma-se o declínio do West Bromwich Albion, outrora primeiro classificado e hoje em quinto lugar, derrotado pelo Barnsley, um team do terço inferior.

Newcastle, batendo o Luton (4-1), mostra-se seguro no segundo posto, embora Cardiff, o terceiro, haja vencido Millwall pelo elevado score de 6-0.

Birmingham empatou com Plymouth, mas continua à frente da classificação com 3 pontos de vantagem.

Na 3.ª Divisão (Sul) o Queen's Park leva 8 pontos ao 2.º classificado e as suas probabilidades promocionárias são quase certas; o mesmo não sucede na zona Norte, onde cinco clubes se acotovelam para alcançar a primeira posição.

# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

## NOTA DA SEMANA

**TOMMY LAWTON**, o grande e popular avançado-centro do team nacional inglês, que todos os nossos leitores bem conhecem e cujas «memórias» serão brevemente dadas à estampa noutra lugar desta Revista, revolucionou totalmente a vida cotidiana da cidadezita onde agora reside.

Como, aliás, acontece noutras localidades de outros países, a presença de um forasteiro ilustre perturba o marasmo habitual dos habitantes. Não admira, pois, que a chegada do team de Lawton — o Notts County — a Weston-super-Mare (um logarejo retirado e calmo dos arredores...) onde o grupo se encontra estagiando, com vistas ao próximo desafio com o fortíssimo Birmingham, revolucionasse aquele meio muito pacato, sobretudo a mocidade.

De manhã até ao cair da tarde, os rapazes andam na peugada dos jogadores. Como sombras, acompanham-nos durante os exercícios matutinos, observam-nos, analisam-nos, comentam-nos a seu modo, etc.

O fulcro do seu interesse permanente é, todavia, Tommy Lawton. E, para dar uma justa compensação moral a tão sinceras provas de estima, aquele jogador condescendeu em subir ao palco do cinema da localidade, e fez uma palestra dedicada à juventude de Weston-super-Mare.

Num tom carinhoso e persuasivo, Lawton falou do futebol como espectáculo mas, principalmente, como meio excelente de adquirir hábitos de vida regrada, e virtudes de auto-disciplina, a par das de bom desportista.

Afirmou que o benefício físico é sensivelmente menos importante e menos perdurável que as vantagens morais que se conseguem, praticando o desporto sob a égide da sua ética própria.

Calorosamente aplaudido (como é de calcular...) o famoso Tommy Lawton saiu da tribuna com outro atributo, além dos que já possuía e muito lhe valém: o da oratória.

Não o das imagens balofoas e côncavas, próprias para iludir, mas o das ideias claras e produtivas, que educam os espíritos em formação como aqueles da juventude de Weston-super-Mare.

R. B.

## As «Ligas» em Espanha

Na Primeira Liga a Tabela não sofreu alterações

Disputou-se no domingo passado a 15.ª jornada da Primeira Liga, em Espanha. Os resultados foram os seguintes:

Sabadell... 1 — A. Madrid... 2  
Sevilha... 3 — Espanhol... 1  
Gijón... 1 — Valencia... 4  
R. Sociedad... 0 — A. Bilbao... 3  
Celta... 4 — Oviedo... 2  
Barcelona... 3 — Alcoyano... 0  
R. Madrid... 1 — Tarragona... 3

Desta jornada, há a salientar o resultado do R. Madrid, o qual caiu no seu próprio campo em frente de um «modesto», o Gimnástico de Tarragona. A equipa está a cair verticalmente. O outro representante de Madrid, o Atlético, passou em Sabadell à tangente.

Sevilha, Barcelona e Celta não fizeram grandes resultados. As honras da tarde foram para Valencia e A. de Bilbao. As alterações na Tabela passam despercebidas. Os seis que estavam à frente continuam à cabeça, agora

com a seguinte pontuação: Valencia 23, Sevilha 20, A. de Madrid 19, A. de Bilbao 18, Barcelona 18, Celta 17. A diferença que os separa é a mesma que já havia.

Na Segunda Liga verificaram-se os seguintes números:

Ferrol... 3 — Málaga... 1  
Hercules... 3 — Badalona... 0  
Cordova... 3 — Mestalla... 1  
Barracaldo... 4 — Murcia... 2  
Levante... 2 — Castellón... 0  
Granada... 1 — Corunha... 3  
Maiorca... 2 — Valladolid... 3

O Valladolid reforçou a sua posição e afastou-se mais. Está agora com 22 pontos, seguido do Corunha com 20, e do Málaga e Hercules com 18 pontos. O Desportivo da Corunha seguia em 3.º e passou para o segundo lugar, tudo indicando que a luta se irá agora travar, cada vez mais acesa, entre ele e o Real Valladolid.

## BOXE

Arceniega posto K-O

O pugilista Fidel Arceniega, que se encontra nos Estados-Unidos a arrebatar dólares, foi obrigado a tomar o pulso de um adversário de respeito: Tommy Gomez.

Sucedeu o que se calcula. A meio do 2.º assalto, o espanhol compreendeu a sorte que o esperava e ajoelhou pela conta de dez.

A Imprensa noviorquina chama-lhe agora tudo que a decência permite que se diga nos jornais.

Na mesma noite apresentou-se o surdo-mudo italiano Gino Buonvino. Oposto ao promotor Gene Gossney fartou-se de dar e levar castanha brava, acabando por receber a decisão por pontos.

Beau Jack reaparece

O negro Beau Jack, antigo campeão dos leves, reapareceu em Providence, combatendo com Billy Carns. Durante a batalha atirou este último quatro vezes à lona, arrancando uma excelente vitória por pontos.

Beau Jack, apesar do seu nome, não deve nada à formosura. Isto que conste, para socego das nossas hipotéticas leitoras...

Em Barcelona

Na capital da Catalunha celebrou-se uma sessão de boxe na qual participaram os pugilistas Mariano Diaz e Asencio, bem conhecidos dos lisboetas. Ao cabo de 8 assaltos o árbitro anunciou o empate.

No mesmo programa combateram Teodoro González, que venceu Molina (pts.), e Pascual Garcia triunfador de Fenoy II, após um entarçado desafio.

Bob Montgomery batido por pontos

O negro Bob Montgomery, ex-campeão do Mundo de «leves», perdeu em Boston ante Joey Angelo. A decisão foi obtida por pontos.

Willie Pep venceu Estrada

Outro campeão, Willie Pep, da categoria «levíssimos», massacrone Frankie Estrada, em Lewiston (Maine). Estrada esteve sete vezes na lona mas terminou vencido apenas por pontos.

## BOAVISTA-OLHANENSE



Raimundo, do Boavista, desarma o extreme Carmo a caminho das redes



Em cima — O lance que deu o 2.º golo do Boavista, marcado por Carlos Passos

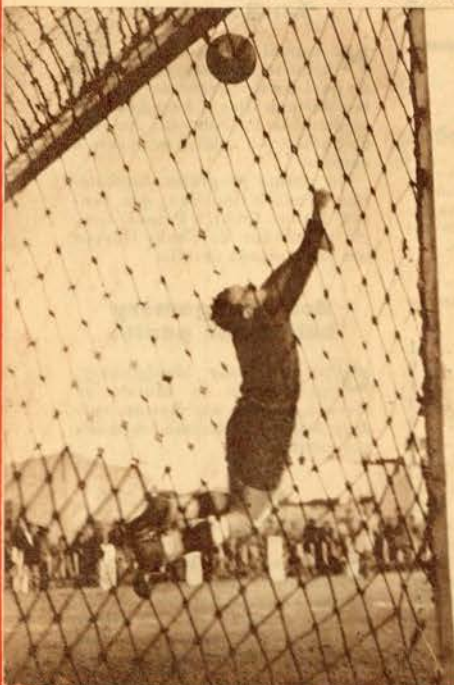


Em baixo — Caíado, após uma jogada perfurante remata para fora

## LUSITANO-V. DE SETÚBAL



Baptista, excelente guardaredes, defende com dificuldade, no último instante, uma bola que parecia certa



Balbino executa magnífica defesa a um forte e bem colocado remate de Armando



A patinadora inglesa Jill Linze, que, conquistando um brilhante êxito nos recentes campeonatos amadores na Inglaterra, foi escolhida para representar o seu país nos Jogos Olímpicos